

Memórias e espaços de uma devoção urbana: o culto a S. Sebastião em Alcácer do Sal (séculos XV-XVI)

M A R I A T E R E S A L O P E S P E R E I R A

Instituto de Estudos Medievais (IEM FCSH/NOVA)
teresalp@netcabo.pt

Resumo: O presente artigo propõe-se estudar uma devoção religiosa ligada a um espaço urbano concreto – Alcácer do Sal – e a testemunhos que cremos inéditos, e que atestam a permanência dessa mesma devoção por tempos modernos. Assim, procuraremos traçar os caminhos do culto a São Sebastião nesta vila e a sua relação particular, quer com os vestígios iconográficos que sobreviveram, em particular uma imagem de S. Sebastião do início do século XVI, ainda não tratada pela História da Arte, quer um documento manuscrito alusivo a um surto de peste que grassou em Portugal em 1569, atingindo Alcácer do Sal em agosto desse ano, o qual se liga diretamente com a devoção ao mesmo santo. São duas fontes históricas que, postas a dialogar, nos desvendam algumas facetas da vida na urbe em tempos de peste, e do recurso popular à devoção nessas horas de medo e aflição.

Palavras-chave: Peste, Culto de S. Sebastião, Milagres, Religiosidade popular, Alcácer do Sal.

Memories and spaces of an urban devotion: the Saint Sebastian cult in Alcácer do Sal (15th-16th centuries)

Abstract: This paper seeks to study the religious devotion attached to a specific urban space – Alcácer do Sal – and the testimonies, which we believe are original, that evidence the continuity of that same devotion in modern times. Thus, we intend to trace the Saint Sebastian cult paths in that village and their particular relation with surviving iconographical vestiges, specifically the image of Saint Sebastian in the beginning of the 16th century, not yet analysed by the History of Art, and a manuscript alluding to the plague which spread in Portugal in 1569, reaching Alcácer do Sal in August, and directly connected with the devotion to the same saint. They are two historical sources which, interconnected, unravel some of the quotidian and devotional aspects of the urban life in those plague times marked by fear and affliction.

Keywords: Plague, Saint Sebastian cult, Miracles, Popular religiosity, Alcácer do Sal.

1. Alcácer, uma vila portuária da Ordem de Santiago

Alcácer do Sal localiza-se no Alentejo, a cerca de 100 Km de Lisboa, na margem direita do Sado. Apesar de a sua foz se encontrar a cerca de 30 km desta vila, junto a Setúbal, a sua navegabilidade até Porto de Rei, durante toda a época medieval e moderna, fazia de Alcácer um grande porto por onde se escoavam o pão, o sal, o azeite, o vinho e os minérios alentejanos. Era também uma porta de entrada para o Alentejo profundo das mercadorias vindas do Atlântico e do centro do país. Ao papel económico da vila e do seu porto, que remonta já à Idade do Ferro e ao tempo dos romanos, junta-se a sua importância estratégica e militar, na defesa do litoral, do acesso ao interior do Alentejo e no conjunto das fortificações que envolviam o entorno de Lisboa. Depois da conquista cristã definitiva, em 1217, Alcácer do Sal continuou a ter um papel determinante no abastecimento de Lisboa, sendo o rio Sado conhecido como a “grande estrada do pão”.

Com a ida e vinda de embarcações entre Alcácer e Lisboa, esta sempre ávida dos cereais que dali partiam, vinham também os perigos de contágio quando a cidade do Tejo se encontrava assolada pela peste.

O documento que iremos analisar, alusivo à peste de 1569, atesta precisamente como era já antiga a memória de se obrigarem a quarentena os mercadores e mareantes de Alcácer vindos de Lisboa, sempre que na capital havia peste¹.

Alcácer pertencia, praticamente desde a sua integração no reino cristão de Portugal, à Ordem militar de Santiago, que a recebeu por doação régia. Como Damien Carraz chamou a atenção, em relação ao caso dos Templários², as Ordens militares escolhiam frequentemente a proximidade dos rios para se instalar. Assim aconteceu também com os santiaguistas. No caso de Alcácer, exploraram salinas nas margens do Sado, construíram moinhos, drenaram pântanos e cultivaram as terras, aproveitando ao máximo os benefícios de um porto. Aí tiveram a sua sede conventual durante grande parte da Idade Média, vindo a transitar para Palmela apenas em 1482. A administração desenvolvida pela milícia deixou ainda profundas marcas na urbanização, no desenvolvimento económico e portuário, cujos testemunhos procurámos estudar em outros trabalhos³. A própria rede de instituições religiosas – igrejas paroquiais, capelas ou ermidas – foi-se estruturando sob a sua

1 Cf. Biblioteca Nacional – *Manuscritos*, caixa 171, doc. 13, fl. 11-11v e 12-12v. Agradecemos a Ângela Beirante o facto de nos ter alertado para a existência deste documento, no início da década de 90.

2 Damien Carraz – *L'Ordre du Temple dans la Basse Vallée du Rhône, (1124-1312). Ordres militaires, croisades et sociétés méridionales*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2005, p. 2014-2017.

3 Maria Teresa Lopes Pereira – *Alcácer do Sal na Idade Média*. Lisboa: Colibri 1ª ed. 2000 e 2ª ed. 2007; Maria Teresa Lopes Pereira – *Os Cavaleiros de Santiago em Alcácer do Sal (século XII a fins do século XV)*. Lisboa: Colibri, 2015; Maria Teresa Lopes Pereira – *Do Castelo à Ribeira - a urbanização de Alcácer (de fins do Século XIII ao início de Quinhentos)*. In Luís Filipe Oliveira (coord.) – *Comendas Urbanas das Ordens Militares*. Lisboa: Colibri, 2016, p. 121-192.

égide. Na vila e no seu termo, a Ordem detinha o padroado de todos os templos, exigindo-se a sua necessária autorização para edificar um novo espaço de culto. Só no século XVI a milícia de Santiago permitiu a instalação em Alcácer de dois conventos, ambos franciscanos, um masculino (Santo António, fundado em 1524) e outro feminino, de freiras clarissas, dedicado a Nossa Senhora de Aracoeli, edificado no espaço do antigo convento santiaguista (1573)⁴.

Alcácer integrava-se numa vasta rede de cidades, vilas e comendas espalhadas. Sem contar com Arruda, na Estremadura, a maior parte das vilas e comendas da Ordem localizava-se no Alentejo, ficando umas mais para o interior (Ferreira, Castro Verde, Grândola, Coina, Mértola...) e outras perto ou junto à costa (Santiago do Cacém, Sines, Aldeia Galega do Ribatejo...). Estavam ligadas umas às outras por deveres do ponto de vista religioso e militar, interesses económicos e sociais, e por tudo o que implicava o patronato religioso. Mesmo após a mudança da sede santiaguista para Palmela, a antiga Salacia continuou a fazer parte da rede das cidades, vilas e comendas desta Ordem⁵. O livro do almoxarifado de Alcácer (1502-1504)⁶ atesta uma larga rede retributiva e distributiva, envolvendo pessoas e instituições muito diversas, ligadas tanto à vila de Alcácer como a outros núcleos urbanos, desde Setúbal a Lisboa, Palmela, Coina e Alcochete.

O controlo da Ordem sobre o território colocado sob a sua jurisdição estendia-se não só ao domínio temporal, como ao domínio religioso. Embora nos falte um estudo profundo sobre a atividade pastoral da milícia, podemos desde já verificar a importância que lhe é dada, por exemplo, no regimento dos visitantes de 1478⁷ e nas visitas seguintes, onde vemos como a Ordem procurou garantir o controlo dos espaços de culto edificados nos seus territórios, a colocação do pessoal eclesiástico necessário à assistência religiosa e ainda a promoção de uma vida espiritual dentro dos cânones estabelecidos pela Igreja. Aqui se incluem tanto a vida litúrgica e sacramental como as diversas expressões devocionais e toda a vida confraternal que se estruturavam em torno das igrejas e ermidas da Ordem. Na realidade, os clérigos santiaguistas tinham a obrigação de acompanhar os habitantes na prática religiosa cristã em geral, bem como nas confrarias e irmandades e nos vários cultos populares aí existentes – neste caso, a antiga e profunda devoção ao mártir S. Sebastião.

Era também obrigação dos clérigos da Ordem relatar ao superior os factos excepcionais. Assim se compreende que o registo do “Auto dos Milagres” ocorridos

4 Maria Teresa Lopes Pereira – Um olhar sobre o património religioso do concelho de Alcácer do Sal. In *Arte Sacra no Concelho de Alcácer do Sal*. Coord. Artur Goulart de Melo Borges. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2011, p. 6-19.

5 Para uma perceção da rede das comendas santiaguistas, cf. Carlos de Ayala Martínez – La escisión de los santiaguistas portugueses: algunas notas sobre los Establecimientos de 1327. *Historia, Instituciones. Documentos*. 24 (1997) 67.

6 ANTT – MCO/OS/CP, livro 98 - livro do almoxarifado de 1502, 1503 e 1504.

7 Publicado em M. Teresa Lopes Pereira – *Os Cavaleiros de Santiago...*, p. 262-266.

em Alcácer em 22 e 23 de agosto de 1569 tenha sido feito e destinado “ao manyfico senhor dom prjor do combento e ordem de santiago”⁸. Relatava os feitos prodigiosos operados por S. Sebastião por ocasião da peste que então deflagrava na vila: a imagem do santo que suara “gotas de água” e as curas operadas por sua intercessão sobre doentes atingidos pela peste. Foi imediata a inquirição das testemunhas e o registo por escrito do que viram e ouviram – começou logo a 24 de agosto – e foi rápido o envio do processo ao prior da Ordem, datado de 26 do mesmo mês. Esta descrição dos milagres foi confirmada pelo Arcebispo de Évora D. João de Melo, em 23 de agosto de 1570, ou seja, um ano depois⁹. Os prodígios narrados no texto remetiam para a zona baixa da vila, economicamente mais ativa e também mais exposta à ida e vinda de gentes oriundas de outras paragens, onde confluíam os caminhos da terra e do mar. Aí, no lado nascente, se haviam edificado os templos que protegiam as populações dos flagelos da lepra e da peste, males que sempre pairavam como ameaças para os homens e mulheres dos tempos medievais e dos alvares da modernidade.

2. O culto de São Sebastião em Alcácer

Das capelas ou ermidas existentes na parte baixa de Alcácer, encontramos, a nascente, no “lado de Évora”, três templos dedicados aos santos desde há muito consagrados pela Cristandade ocidental como protetores contra as doenças de pele: S. Lázaro, santo patrono dos leprosos, S. Sebastião e S. Roque, grandes intercessores dos atingidos pela peste.

Ficavam as três perto da zona ribeirinha, na Rua Direita, do lado nascente. A capela de S. Lázaro, inicialmente construída fora do aglomerado, fora já alcançada nos alvares de Quinhentos pela extensão da malha urbana¹⁰. Próxima desta, encontrava-se a ermida de S. Sebastião, edificada no séc. XV ou mesmo antes, com um pequeno terreiro. Depois de 1512, ergueu-se na mesma rua, no chamado “Cabo contra Évora”, a capela de S. Roque, descrita pela primeira vez na visitação de 1534¹¹.

8 Cf. Biblioteca Nacional – *Manuscritos*, caixa 171, doc. 13, fl. 1.

9 Biblioteca da Ajuda – Códice 49-IV-8, fl. 385-385v.

10 Biblioteca da Ajuda – Códice 49-IV-8, fl. 385v (1722) refere: A ermida de São Lázaro está no meio da Rua Direita, freguesia de Santiago.

11 No contexto da peste que atingiu Lisboa em 1505/1506, D. Manuel I pediu à República de Veneza uma relíquia de S. Roque, santo considerado um grande protetor contra a peste em toda a Europa do Sul. Chegada a relíquia, ainda nesse ano, para a guardar, procedeu-se, em Lisboa, à edificação da capela de S. Roque, sagrada em 1515. Ver Teresa Freitas Morna (coord.) – *Museu de S. Roque, Roteiro*. 3ª edição. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2015, p. 22. Esta devoção propagou-se rapidamente por todo o reino e muitas outras ermidas foram consagradas a S. Roque, como foi o caso da de Alcácer, que sabemos estar concluída, aquando da visitação de 1534. Mais tarde, mudou o nome para capela de Nossa Senhora da Graça, mas conservou no seu interior a imagem do santo. Aparece assim designada em 1722 (cf. Biblioteca da Ajuda – Códice 49-IV-8, fl. 385).



Fig. 1 – S. Roque (século XVI)
Lisboa, Museu de S. Roque

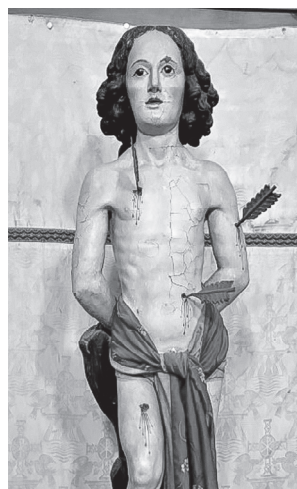


Fig. 2 – S. Sebastião (séc. XVI)
Alcácer, Igreja de Santiago.

A estas ermidas acorriam as pessoas, implorando a proteção contra os males que as afligiam, sobretudo os da pele. Do lado de lá do rio, ficava a ermida de Santa Ana, que acolhia os viajantes que iam e vinham na barca de passagem, atravessando o rio entre as margens. A ligação estreita destes e de outros templos, localizados relativamente perto uns dos outros, é atestada pela presença de confrarias.

O culto ao mártir S. Sebastião, um jovem soldado romano, muito popular na tradição medieval e nos inícios da Idade Moderna, estava ligado à procura de proteção contra a peste, que era invocada na liturgia como um dos três principais flagelos que atacavam os homens, a par da fome e da guerra: “da fome, da peste e da guerra, livrai-nos Senhor”! Para além da Peste Negra, a mais conhecida, os surtos de peste foram recorrentes em muitas cidades e vilas de Portugal medieval e de toda a Europa. Sucedeu o mesmo em Alcácer¹². Sendo um porto movimentado, era grande a possibilidade de contágio por causa das muitas idas e vindas dos barcos e das pessoas das mais variadas proveniências.

A ermida de S. Sebastião em Alcácer remonta pelo menos ao século XV e possuía uma irmandade de contornos particulares, uma vez que, ao contrário das restantes, incluía tanto homens como mulheres. É descrita na visitação de 1512-13, como sendo de costume e ordenança muito antigos. A irmandade tinha o encargo de celebrar uma missa semanal todas as quintas-feiras; organizava a festa anual do seu patrono a 20 de janeiro, havendo missa solene cantada, seguida de procissão¹³,

12 Maria Teresa Lopes Pereira – *Alcácer do Sal na Idade Média...*, p. 111.

13 ANTT – MCO/OS/CP, liv. 154, 1ª. parte, fl. 18v. O Rei D. Sebastião, que nasceu 20 de janeiro de 1554, recebeu este nome por ter nascido no dia da festa do santo.

com espadanas e ramagens espalhadas em todo o percurso do cortejo, que assim ficava adornado e bem cheiroso, como era habitual nas grandes festas de Alcácer. Segundo os mesmos visitantes, a construção da ermida fora da iniciativa conce-lhia, certamente autorizada pela Ordem de Santiago. Assim, embora sujeita à visita-ção dos homens da milícia, cabiam à edilidade de Alcácer do Sal todos os gastos com as obras necessárias à sua conservação e melhoramento¹⁴. Quanto à data da edificação, nada conseguiram apurar, para além do facto de ser considerada “muito antiga”¹⁵.

É também graças ao testemunho desta visita-ção que dispomos da primeira descrição do templo. Informam-nos os visitantes – à frente dos quais se incluía o próprio D. Jorge, duque de Coimbra e desde 1491 administrador perpétuo da Ordem¹⁶ – que a ermida era formada por uma capela-mor e o corpo com uma só nave. A capela-mor era de pedra e cal, com um altar de alvenaria, acima do qual estava um retábulo grande com a imagem de S. Sebastião, referindo-se ainda a pre-sença, não muito clara, de uma outra pintura, desta feita mural, do mesmo santo. No altar, para além das toalhas, havia um frontal de linho com a imagem de S. Sebastião pintada¹⁷. Dentro da capela-mor, havia “hũa campãa gramde com que tamgem a deus apegada na parede”. O chão era ladrilhado de tijolo. No corpo ou nave da ermida, os alicerces também eram de pedra e cal, mas as paredes eram de construção em taipa e o pavimento só em parte estava ladrilhado. A cobertura era de telha vã. A separar os dois espaços, havia uma grade de madeira, pintada. Como medidas, os visitantes registaram na capela-mor “de comprido, duas varas e duas terças e de larguo, tres varas e quarta” e, no corpo do templo, “sete varas e terça de comprido [...] e de largo quatro varas”¹⁸.

Das alfaías litúrgicas então inventariadas, destacava-se um cálice de prata, para o serviço da referida ermida, encomendado e pago pelo capelão Fernão Rodrigues ao ourives de D. Beatriz de Vilhena, mulher do Mestre D. Jorge. O clé-rigo prometeu deixá-lo à capela de S. Sebastião quando morresse¹⁹.

Entre 1513 e 1534, é perceptível o investimento entretanto feito na ermida. De facto, na visita de 1534, os visitantes constataram que a capela dispunha agora de “hũas portas boas fechadas com chave”, tendo sido forrada de novo e o chão

14 ANTT – MCO/OS/CP, liv. 154, 1ª. parte, fl. 19: “correger e Repairar do que lhe fizer mister cada vez que cumpre”.

15 Sobre as irmandades documentadas em Alcácer do Sal em finais da Idade Média, cf. Maria Teresa Lopes Pereira – *Alcácer do Sal na Idade Média...*, p. 240-241. Não se conhecem os compromissos de nenhuma das irmandades medievais.

16 Cf. Maria Cristina Gomes Pimenta – *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média. O Governo de D. Jorge*. Palmela: GEsOS/Câmara Municipal de Palmela, 2002; Maria Teresa Lopes Pereira – *Os Cavaleiros de Santiago em Alcácer do sal (século XII a fins do século XV)*. Lisboa: Ed. Colibri, 2015, p. 221-222.

17 ANTT – MCO/OS/CP, liv. 154, 1ª. parte, fl. 19.

18 A vara correspondia a 1,10m (cf. A. H. de Oliveira Marques – *Pesos e Medidas*. In Joel Serrão (dir.) – *Dicionário de História de Portugal*. s.e., vol. V. Porto: Livraria Figueirinhas, 1979, p. 68).

19 ANTT – MCO/OS/CP, liv. 154, 1ª. parte, fl. 18v-19.

completamente ladrilhado. Em síntese, referiram que estava bem guarnecida por fora e por dentro. Mas, o que mais lhes chamou a atenção foi “hũa Jmagem do dito martire [S. Sebastião] de vullto de pao e posto em hua culuna pintada de verde”, nova, entretanto adquirida²⁰.

Existe hoje na igreja paroquial de Santiago uma escultura de S. Sebastião em madeira policromada, cujas características permitem datá-la de inícios do século XVI. Por isso, ponho a hipótese, que me parece muito verosímil, de que se trate da mesma imagem, à qual o povo de Alcácer tinha e tem muito apego. Lembramos também que a igreja de Santiago, onde, no presente, se encontra a citada imagem, é de fundação tardia, isto é, dos séculos XVII-XVIII. Antes do Terramoto de 1755, tanto a ermida de S. Sebastião como outras capelas da vila dependiam desta igreja paroquial. Sobre a ermida de S. Sebastião, pudemos verificar, pela consulta dos registos paroquiais, que alguns fregueses deixaram expressa no seu testamento a vontade de nela serem enterrados. Encontramos no interior da igreja de Santiago imagens devocionais mais antigas que o próprio templo. São decerto imagens outrora pertencentes a capelas entretanto desaparecidas, como é o caso da de S. Sebastião (séc. XVI). Mas há que destacar, na atual sacristia, uma pintura mais tardia, de grande interesse e originalidade, alusiva ao julgamento e sagitação do mártir (finais do séc. XVII, inícios do séc. XVIII), cujo autor se desconhece²¹.

A referida imagem de S. Sebastião, em madeira, datável de inícios do século XVI²², era considerada num documento do século XVIII como uma “excelente escultura” pela qual se operavam ainda grandes prodígios²³. Representa o santo, como um belo jovem, com os braços atrás atados a uma coluna, ou melhor, a um ramo de árvore, o que leva a pensar na semelhança com Cristo sofredor também amarrado a uma coluna. “Ambos expõem a nudez, sofrem inocentes e testemunham a entrega da vida a Deus”²⁴. As setas cravadas na carne revelam a forma do seu martírio. Geralmente são cinco, número igual ao das chagas de Cristo. Embora nesta imagem falte a seta da perna esquerda, a ferida está lá, a evidenciar que outrora também ali esteve uma seta a perfurar a carne. A figura exhibe uma cabeleira abundante, com risco ao meio, os caracóis a envolverem-lhe o rosto, com o cabelo atrás a cair-lhe sobre o pescoço. Quase nu, apenas enverga um calção curto, descido no

20 ANTT – MCO/OS/CP, liv. 154, 1ª. parte, fl. 19.

21 Esta obra foi objecto de estudo recente. Cf. Jorge Moleirinho – “Julgamento e Martírio de S. Sebastião”. In Artur Goulart de Melo Borges (coord.) – *Arte Sacra no Concelho de Alcácer do Sal. Inventário Artístico da Diocese de Évora*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2011, p. 24-25.

22 Agradece-se a Maria João Vilhena de Carvalho (MNA) a proposta de datação da imagem, a partir das suas características estilísticas.

23 Cf. Biblioteca da Ajuda – Códice, 49-IV-8, fl. 385-385v (janeiro de 1722): “de grande veneração fechada em uma vidraça de que os priores têm a chave. Sam sem número os prodígios que Deus Nosso Senhor faz por este santo”.

24 Carlos A. Moreira de Azevedo – *Estudos de iconografia cristã*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2016, p. 113.

ventre, com pregas ou rugas horizontais a toda a volta dos quadris do santo e com um laço pequenino no meio, na frente do calção. No presente, exhibe um cendal de seda vermelha que lhe cobre totalmente o calção. Os pés estão abertos, em simetria, fazendo lembrar, pelo aspeto, a imagem de S. Sebastião, em pedra, oriunda do Convento de Santos-o-Novo (pertencente à Ordem de Santiago) e atualmente no Museu de Arte Antiga²⁵.



Figs. 3, 4 e 5 – Fotos da imagem de S. Sebastião (igreja de Santiago de Alcácer do Sal).

S. Sebastião foi um santo muito venerado em Alcácer, tendo, na Época Moderna, para além da festa de janeiro, duas outras, uma em maio²⁶ e outra em agosto²⁷. Ao longo dos tempos, muitos milagres foram atribuídos pelos alcacerenses à imagem de S. Sebastião. O mais frequente era livrar a vila da peste, quando muitas outras povoações eram por ela flageladas²⁸.

3. A imagem de S. Sebastião e o *Auto dos Milagres* de 1569 (Alcácer)

Regressando ao que passou em Alcácer, em agosto de 1569, sabemos, pela descrição das testemunhas inquiridas, que a imagem de S. Sebastião era de madeira antiga²⁹. Encontrava-se provisoriamente na ermida de S. Roque, localizada perto do lugar onde se erguia a capela de S. Sebastião, então a receber obras de ampliação³⁰.

25 Carlos A. Moreira de Azevedo – *Estudos de iconografia cristã...*, p. 119.

26 Arquivo Histórico Municipal de Alcácer do Sal – *Convento de Aracoeli*, ver entre outros o livro 102/44.

27 Arquivo Histórico Municipal de Alcácer do Sal – *Convento de Aracoeli*, liv. 116/22. No presente, ainda se faz uma festa a S. Sebastião em Santa Catarina de Sítimos (agosto).

28 Alguns referidos para épocas anteriores. Biblioteca Nacional de Portugal – *Manuscritos*, cx. 171, doc. 13 (doravante referido como *Auto dos Milagres*), fl. 10v-11.

29 *Auto dos Milagres*, fl. 5v, 7 (no texto aparece “paao”).

30 *Auto dos Milagres*, fl. 1v.

O milagre que as pessoas disseram unanimemente ter visto foi o santo suar duas vezes na noite de 22 de agosto. Mesmo depois de limpa várias vezes a imagem, o suor tornava a correr copiosa e visivelmente. O Licenciado António Caldeira, prior, chamado por causa do ocorrido, afirma ter visto “da çymtura da Imagem do dicto samto pera os pes coRer grandes gotas d agoa”, facto que o próprio “concebeu em sy ser myllagre”³¹. Mas houve quem afirmasse que, antes de o santo suar, o rosto da imagem se fizera muito vermelho como de pessoa viva³². E ainda que uma estrela muito brilhante aparecera por cima da capela de S. Roque³³. Nos dias seguintes, em Alcácer, os atingidos pela peste sararam, e a epidemia cessou por completo, concluindo-se ter havido uma intervenção milagrosa do santo.

Este acontecimento é descrito no “Auto dos millagres que nosso Senhor Deus fez e obrou nesta villa d alcaçer do sall pelos merecimentos e Rogos do bem-aventurado martyr são sebastião em o mês d agosto de 1569”, fonte que aqui vamos analisar. Encontra-se assinada pelo relator e testemunhas, incluindo o prior, tendo todos jurado antes sobre os Evangelhos ser verdade o que afirmavam ter visto acontecer em Alcácer nos dias 22 e 23 desse mês e ano.

O surto de peste, aí descrito, insere-se no contexto mais geral da epidemia pestífera que atingiu Portugal em 1569, que ficou na memória coletiva como o ano da “peste grande”. Terá entrado em Lisboa, onde fez muitas vítimas, e daí irradiou para outros destinos. Como havia uma comunicação quase contínua entre o porto de Alcácer e o de Lisboa por causa do abastecimento da capital, sobretudo em cereais, é natural a peste ter chegado em força a esta vila do Sado. Embora haja um ou outro caso na capital, nos primeiros meses de 1569, a peste ataca em força no mês de junho desse ano: “se acharão muitas pessoas nesta cidade de Lisboa doentes de Inchaços outros que morrião” de peste³⁴. A rainha D. Catarina e a Infanta D. Maria foram para Alenquer³⁵. O rei D. Sebastião também deixou Lisboa e foi para Sintra em 22 de junho, procurando melhores ares. Pela festa de S. João (dia 24), circulava a notícia de que morriam 50 a 60 pessoas por dia na capital. Estes números aumentaram, progressivamente, para 300-400 e atingiram depois 500 a 600³⁶. A situação era agravada pela escassez de alimentos, sobretudo de pão. Dizia-

31 *Auto dos Milagres*, fl. 2v.

32 *Auto dos Milagres*, fl. 9v.

33 *Auto dos Milagres*, fl. 4, 6-6v, 8, 9-9v.

34 Pero Rôiz Soares – *Memorial*. Leitura e revisão de M. Lopes de Almeida. Coimbra: Univ. Coimbra, 1953, p. 54.

35 Durante esta estadia, D. Maria mandou fazer um presépio que doou ao Convento da Carnota. Ver Guilherme João Carlos Henriques – *Alenquer e o seu Concelho: Parte XI: a Freguesia de Santo Estêvão. O Ex-Convento da Carnota*. 4ª ed. s.l.: s.n., 1946, p. 85-86.

36 Mário da Costa Roque – *As pestes medievais europeias e o «Regimento Proveytoso contra ha pestenença»*. Paris: F. C. Gulbenkian - Centro Cultural de Paris, 1979, p. 76-77 e 82; Germesindo Silva – *Os Grandolenses perante a peste grande de 1569*. Lisboa: Oficinas Gráficas de Ramos, Afonso & Moita, Lda, 1989, p. 49.

-se que a peste fora “vinda de Veneza envolta em mercadorias”³⁷. Causou milhares de mortos, só em Lisboa³⁸. Aponta-se o número de cinquenta mil vítimas, como hipótese verosímil³⁹.

Era habitual, quando surgia a ameaça de peste, as pessoas fugirem e as autoridades tomarem medidas, algumas drásticas. Por exemplo, mais de um século antes, o rei D. Duarte, no *Leal Conselheiro*, ao avaliar as vantagens e os inconvenientes de fugir dos “maus ares da peste”, aconselhava como mais prudente a fuga dos lugares já atingidos, a fim de evitar a propagação do contagioso mal. Rui de Pina descreve que “o Rei, seus irmãos e grande parte da corte estavam em Avis, mas ao saberem que a peste grassava na zona, combinaram separar-se, seguindo D. Pedro para Coimbra, D. João para Alcácer ao encontro das respetivas mulheres. O Rei encaminhou-se com a Rainha e os filhos para Ponte de Sor e depois para Tomar onde acabou por morrer, em setembro de 1438”⁴⁰. Verificamos que D. Duarte acabou por pôr em prática a medida que preconizara, embora, no seu caso, não surtisse o efeito desejado.

As verdadeiras causas que provocavam a peste eram ainda desconhecidas nos séculos XV e XVI. Muita gente continuava a proclamar ser um castigo de Deus contra os pecados dos homens, embora, desde cerca de 1438, o Dr. Diogo Afonso Mangancha, nas *Trovas sobre o remédio da peste*, afirmasse perentoriamente que a “pestenença” não era vingança de Deus, mas antes, mal que vinha “per natura”⁴¹.

Continuava-se a falar dos efeitos dos “maus ares”, daí o queimarem-se ervas aromáticas para purificar e perfumar o ambiente; suspeitava-se também das águas que pudessem estar contaminadas, procedendo-se assim à limpeza das nascentes, fontes e chafarizes; quem fosse apanhado a atirar despejos pela janela e fizesse estrumeiras à beira das ruas teria de pagar pesadas multas. Proibiam-se as procissões por causa do contágio, mas continuavam a permitir-se as organizadas em honra de S. Sebastião.

Verificamos pelo documento que as procissões feitas em Alcácer só ocorrem a nascente da vila, no chamado “cabo contra Évora” e numa única rua – a que ia da capela de S. Roque (onde estava provisoriamente a imagem de S. Sebastião) à de S. Lázaro.

37 Frei Luís de Sousa – *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, citado pelas duas obras da nota anterior.

38 Teresa Ferreira Rodrigues – As estruturas populacionais. In José Mattoso (dir.) – *História de Portugal*. Vol. III: *No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*. Coord. Joaquim Romero Magalhães. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 218-219.

39 Ver Mário da Costa Roque – *As pestes medievais europeias...*, p. 89-90.

40 Rui de Pina – *Chronica do Senhor Rey D. Duarte*. in *Crónicas de Rui de Pina*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, 1977, cap. XLIII, p. 573.

41 Cf. Mário da Costa Roque – *As pestes medievais europeias...*, p. 74. Para um enquadramento mais geral, cf. José Mattoso – Para uma história das epidemias. In *Naquele Tempo. Ensaios de História Medieval*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, “Obras Completas, 1”, 2000, p. 93-106.

As autoridades e as pessoas comuns adquiriam, cada vez mais, a consciência de que o contacto com alguém já atingido tinha como consequência o contágio e a propagação rápida do flagelo⁴². Os sintomas descritos eram febre alta, grande dor de cabeça, inchaços, “apostemas” ou tumores (alguns do tamanho de punhos)⁴³ no pescoço, nas virilhas e debaixo dos braços e ainda falta de forças e uma certa apatia.

Voltando aos acontecimentos narrados no *Auto de Milagres*, verifica-se que como prevenção, no porto de Alcácer, numa e noutra margem, havia uma bandeira branca a assinalar proibição de entrada. Os guardas das bandeiras vigiavam a entrada de qualquer embarcação, exigindo as provas de que no porto de onde vinham não havia peste; caso contrário, tinham de ficar de quarentena nos próprios barcos. Só os pescadores locais podiam entrar e sair com as suas embarcações, mediante o cumprimento de certos requisitos, como a carta de saúde da própria embarcação e o passaporte de quem a utilizava. Para evitar o contágio, era posto todo o cuidado em impedir ao máximo o funcionamento da barca de passagem por onde iam e vinham os homens na travessia do rio. A este propósito, e de volta ao *Leal Conselheiro*, D. Duarte escreveu que seria “grande myngua de boo saber... passar ... em hũa barca, onde cada dia muitos morrem”⁴⁴ por já estarem antes atingidos pela doença.

Algumas pessoas, suspeitas de terem tido contacto com a peste, ficavam de quarentena em cabanas construídas para o efeito⁴⁵. Estas medidas eram conforme ao que se usava desde há muito: fechar as portas das cidades amuralhadas, selar as casas encerrando no interior os suspeitos de estarem atingidos pela doença, como Shakespeare descreve na tragédia de Romeu e Julieta: um frade, que transportava uma carta, fora sujeito a um isolamento forçado, devido à peste, e não a entregou a tempo de evitar o desenlace trágico dos dois apaixonados.

Havia que ter cuidado com os forasteiros, no sentido de saber de onde vinham e se aí havia peste. Em primeiro lugar, teria de haver um controle fronteiriço. Mas, a nível local, como é este o caso, havia também medidas preventivas e profiláticas. Primeiro, havia que controlar as entradas no porto e a circulação no Sado, como já vimos. Proibia-se a livre circulação das pessoas e tentava-se barrar as entradas e as saídas da vila. Uma bandeira branca erguia-se também na estrada para Grândola que seguia para o Algarve, outra na estrada para Évora, Montemor e na que bifurcava antes para o Torrão. Nestas vias de acesso, os guardas deveriam obrigar cada viajante, sob juramento, a declarar o local de onde vinha. Em caso de dúvida ou suspeita, ficavam impedidos de entrar na vila durante um mês. Havia

42 Desconhecia-se que era a pulga, ao passar dos ratos infetados para os humanos, que propagava a doença.

43 *Auto dos Milagres*, fl. 3v.

44 D. Duarte – *Leal Conselheiro*. in *Obras dos Príncipes de Avis*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello e Irmão – Editores, 1981, p. 357.

45 *Auto dos Milagres*, fl. 11v.

cabanas construídas para esse isolamento. E isto mesmo acontecia nas terras em redor. Em Grândola, durante a peste de Alcácer, os alcacerenses que chegassem ao termo grandolense ficavam 30 dias isolados⁴⁶. Está documentado o caso de uma pena muito dura aplicada a Lopo de Lagares, antigo morador de Alcácer, que entrou a 12 de agosto nesta vila, pelos vistos, sem dificuldade, e regressou no dia seguinte ao Canal (Grândola), pondo a população em risco de contágio. Foi multado em 50 cruzados e ainda condenado a dois anos de degredo em África⁴⁷.

Apesar da vigilância e das multas, havia, mesmo assim, quem conseguisse entrar, certamente omitindo os lugares de origem da viagem e, depois, já no interior da vila, aparecesse com sintomas. É esse o caso do primeiro miraculado referido no auto de 1569, João Peres, forasteiro, que vindo de fora com um alcacerense, entrou com ele na vila e se alojou na sua casa (o que era proibido durante a peste). Mas, logo na primeira noite, começou a queixar-se “que estaua mal e que lhe medrara debayxo de hũ braço hũa trama”⁴⁸. Mas, dentro de Alcácer, havia também pessoas que, atingidas pelo mal, se escondiam para escapar ao opróbrio e isolamento a que a doença obrigava, bem como ao medo de serem lançadas fora da vila⁴⁹. As famílias procuravam, a todo o custo, iludir os indícios e marcas do mal nos seus membros, contribuindo, assim, para propagar o contágio.

Não havia nenhum tabelião em Alcácer, por “ser fogida quasy toda a gente” por “temor dos maos ares da peste” que então grassavam na vila “de que auyão sydo mortas allgũas pessoas” e estavam “muytas ferydas”⁵⁰. Quase só ficaram os pobres, que não tinham para onde ir e/ou confiavam na misericórdia de Deus, e os homens que foram obrigados a isso por dever ou função – o alcaide, os guardas que vigiavam as entradas do rio e as vias de acesso mais importantes e os padres que assistiam espiritualmente os habitantes.

As testemunhas inquiridas, que descrevem os factos a que assistiram, são unânimes na afirmação que a peste grassava em Alcácer desde inícios de agosto. Assim, as ruas estavam praticamente desertas. O prior e os quatro beneficiados que permaneceram na vila durante o flagelo (dois na matriz de Santa Maria do Castelo e dois na igreja da Consolação) andavam, de rua em rua e de casa em casa, a animar os fiéis, a ouvi-los em confissão, a dar-lhes os sacramentos, nomeadamente a comunhão e a chamada extrema-unção, para que não morressem em pecado mortal. Para os homens desta época, havia um verdadeiro pavor da morte repentina, que não

46 Ver Germesindo Silva – *Os Grandolenses...*, doc. 11, p. 83.

47 Ver Germesindo Silva – *Os Grandolenses...*, p. 56 e doc. 10, p. 82.

48 *Auto dos Milagres*, fl. 7.

49 *Auto dos Milagres*, fl. 8 e 12. É o caso de Manuel Quadrado, estalajadeiro, a quem “nacerão de bayxo do braço dyreyto duas nacidas”, mas com medo de que o lançassem fora da vila, só contou à mulher; António de Matos e o prior viram, depois dos milagres “os synaes das dytas nacydas framzydas como...cousa queymada”.

50 *Auto dos Milagres*, fl. 1.

dava tempo a receber os últimos sacramentos. Os clérigos ministravam-nos a todos, incluindo os que já tivessem sido atingidos pelo mal⁵¹. A sua única prevenção “contra o bafo de outrem” era um lenço encharcado em vinagre. Aparece ainda no palco dos acontecimentos mais um clérigo, mas diocesano (“de S. Pedro”).

No dia 22 de agosto, uma segunda-feira, ao meio dia, repicaram os sinos e o prior “com toda a gente que se achou presente”⁵² fez uma procissão, desde a capela de S. Roque, onde se encontrava a imagem de S. Sebastião, até à ermida de S. Lázaro, na mesma rua, a pedir a Deus em oração com “muytos Rogos [...]e contynuas llagrymas” para que parasse o flagelo. Perante as palavras do sacerdote, reveladoras de uma nítida consciência dos seus deveres de pastor, muitas pessoas desavindas reconciliaram-se de “hodos e malqueremças” de há mais de sete, oito e nove anos, e conseguiram perdoar, entre si, situações tão graves como o assassinato de familiares⁵³.

Depois da procissão, muita gente resolveu continuar a rezar na capela, diante da imagem do mártir S. Sebastião, implorando-lhe o remédio contra a peste. Já de noite, presentes algumas pessoas que tinham decidido dormir na própria capela⁵⁴, viram com espanto que a imagem do santo suava, ou seja, nela corriam “grandes gotas d agoa”. Gritaram a altas vozes que era milagre. Tocaram os sinos a rebate e “algũs myninos iam pela rua dyzendo mjllagre milagre”, o que gerou grande alvoroço. Chamaram o prior, que estava deitado, com febre, mas na urgência, acorreu, envergando “roupão” e “chynellas”. Certificou o milagre, verificando as gotas transparentes que escorriam da imagem até ao chão, testemunho que confere uma grande credibilidade ao acontecimento⁵⁵. Organizou com os fiéis, em seguida, uma outra procissão. O Prior, na frente, erguia uma cruz de madeira; seguiam-se os andores com a imagem da Virgem, de S. Sebastião e de S. Roque.

No retorno da procissão, entrou pela porta da capela de S. Roque um homem trabalhador, forasteiro, chamado João Peres, que tinha uma “postema de peste” debaixo do braço⁵⁶. Vinha de joelhos encomendar-se a S. Sebastião e estando diante da imagem, de improviso, sarou da doença. Esta é a primeira cura, a que seguiram muitas outras. São muitos os testemunhos que o nomeiam, embora haja

51 *Auto dos Milagres*, fl. 1v-2.

52 *Auto dos Milagres*, fl. 2-3.

53 *Auto dos Milagres*, fl. 2v.

54 *Auto dos Milagres*, fl. 5-5v, 6v, 8 e 9v.

55 *Auto dos Milagres*, fl. 2v; fl. 3: “chamarão pelo dyto prjor e veyo e vio per seus olhos ho dyto mjllagre e assentou se mjllagre e o dyse asy pubrcamente ha gente que coreo e acodio ha ver”; fl. 4v, 6v.

56 *Auto dos Milagres*, fl. 2v-3, 4, 4v^a-5, 6, 7, 13v. Testemunharam, respetivamente: Domingos Gonçalves, Pero Fernandes, Brites Dourada, Catarina Farpada, Brites Fernandes Viana, Ana Góis, Manuel Afonso e o Prior António Caldeira.

duas pessoas que lhe trocam o nome: uma chama-lhe João Fernandes⁵⁷ e outra Pero Fernandes⁵⁸.

Um pouco mais tarde, aí pela meia-noite ou uma hora, de novo o santo suou, ainda com mais abundância, gotas de água claríssima. Este facto, considerado prodigioso por muitas pessoas, foi um milagre coletivo. Muitos tocavam nas gotas de água da imagem, comparadas “a grãos de aljôfar”, com o terço com que rezavam; outros procuravam enxugar a imagem com lenços que desfaziam em tiras e levavam-nas como relíquias do milagre, as quais, ao tocarem nos doentes, os libertavam dos seus males⁵⁹. Muitas pessoas que estavam feridas de peste curavam-se só por se encomendarem ao Santo⁶⁰. Os miraculados eram, na sua maioria, gente atingida pela peste, embora se registem outras enfermidades também curadas por sua intercessão (doença dos olhos, paralisia e dor de cabeça)⁶¹.

Na terça-feira seguinte, dia 23, fez-se outra procissão em ação de graças: ia na frente o prior com a cruz, seguido de João Peres, “llouuando pubrycamente a deus pella merce que lhe fizera de lhe dar saúde”, assim como a outros pestíferos⁶². Todos rezavam e cantavam louvores e ações de graças, pois o fim do flagelo restabelecera a união e a paz na comunidade. Acreditavam que a peste cessara graças ao poder de S. Sebastião, cujos milagres se manifestavam desde o dia anterior.

O auto relatando os milagres foi redigido quase de imediato. Logo no dia 24 de agosto, António de Matos, beneficiado, começou a registar as respostas ao inquérito pedido pelo licenciado António Caldeira, prior da Igreja da Consolação. As testemunhas, depois do juramento feito sobre os Evangelhos, descreveram o que viram e ouviram e assinaram no fim, juntamente com o relator (só em quatro casos não assinaram, provavelmente por não saberem escrever). Foi incluída a declaração do próprio prior António Caldeira, na sua condição de testemunha e de certificador do milagre.

No auto, há 17 depoimentos, mas muitos referem casais e outros familiares, apontando, por isso, para um universo de cerca de 40 pessoas. Indicam-se as profissões de alguns: há seis clérigos (um prior e quatro beneficiados da Ordem de Santiago, além de um padre diocesano); um estalajadeiro, um mercador, dois mareantes, um lavrador, um ferrador, um carpinteiro, um cavaleiro da casa real, um alcaide e um moço da câmara da Infanta D. Maria.

57 *Auto dos Milagres*, fl. 3v. A testemunha chama-se Pero Fernandes.

58 *Auto dos Milagres*, fl. 12v-13. A testemunha chama-se Manuel Afonso, Cavaleiro da Casa do Rei.

59 *Auto dos Milagres*, fl. 8, 10 e 11v.

60 *Auto dos Milagres*, fl. 4.

61 *Auto dos Milagres*, fl. 10. André Gonçalves sentiu-se curado de uma dor de cabeça motivada por um desastre e o mesmo sucedeu a sua mulher sofrendo de uma longa enfermidade e a sua filha, que muito doente dos olhos, ficou sã, assim que lhe tocou neles com uma tira com o suor do santo.

62 *Auto dos Milagres*, fl. 3-4, 7v, 13.

É interessante o testemunho de Manuel Afonso, cavaleiro da Casa Real que, para além da descrição do “milagre das gotas de água”, referiu o pormenor de ter voltado a casa para ir “buscar hũa toalha pera com ella allympar ho suor do dyto samto”, tendo presenciado como um homem sarou dos seus males pestíferos. Acrescentou ainda que Ascenso Martins, morador no lado dos Mártires, levava uma tira de pano com que um clérigo “allympara o suor do samto, pusera-o nas allpercas e bubões em hũu seu mynyno doemte” o qual ficou bom. A testemunha afirmou ter visto os sinais de onde caíram os bubões da criança, quando o pai o levou para o oferecer ao santo, como sinal de gratidão⁶³. Não foi inquirido por morar longe (fora da vila).

Também Gaspar Franco, moço da câmara da Infanta D. Maria, descreveu que presenciara o milagre e dele dava testemunho. Evocou, a propósito, a memória de um milagre semelhante, ocorrido em Alcácer, com a mesma imagem de S. Sebastião a suar gotas de água, nas primeiras décadas de Quinhentos, num tempo em “ouue hũa peste em llyxboa e aqui nesta ujlla [de Alcácer] nom ouue nada”. Foi de tal forma que uma escrava moura, Sultana, ao ver o milagre do santo, se converteu, quis ser batizada e recebeu o nome de Isabel. Nessa altura, em Alcácer só morreram alguns dos mercadores e mareantes que, vindos de Lisboa, foram proibidos pelos guardas de entrar na vila; ficaram de “quarentena” e, alguns, já atingidos pela peste, morreram durante esse isolamento⁶⁴.

O mesmo testemunho é corroborado por Catarina Martins, que acrescentou que, nesse tempo (inícios do século XVI), a sua avó, já muito velha, jazia entevada na cama, sem se poder mexer. Logo, sabendo do milagre, fez-se transportar até à casa do santo para se lhe encomendar. Pediu a quem a acompanhava para a untar com as gotas de suor da imagem de S. Sebastião nas “cadeiras e quadrys” e ficou logo boa, tendo vivido ainda mais dez anos, bem-disposta, até que Deus a chamou⁶⁵.

Manuel Gonçalves, clérigo de missa “de S. Pedro”, também testemunhou as gotas de água na imagem do santo. Foi-lhe pedido que recolhesse numas contas de rezar as que escorriam do rosto da imagem e viu muitas pessoas limpar com panos o “suor” do santo. Perante os extraordinários acontecimentos, diz ainda esta testemunha que deixaram entrar livremente “muytas pessoas que estavam fora da ujlla ferydas de peste”, as quais, depois de se oferecerem e “pydirem misericordia a Deus”,

63 *Auto dos Milagres*, fl. 13.

64 *Auto dos Milagres*, fl. 10v-11. Este relato condiz com o facto de Lisboa ter sido assolada por um surto de peste, em 1505/1506, como vimos, a propósito da relíquia de S. Roque. Ver Damião de Góis – *Cronica do Felicissimo Rei D. Manuel I*. Parte I, cap. CII e CIII, ed. fac-similada. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2001, onde se narra que, nesses tempos perturbados por causa do medo da peste, houve um ataque e perseguição aos cristãos-novos no domingo de Pascoela, em Lisboa (começou na Igreja de S. Domingos).

65 *Auto dos Milagres*, fl. 12-12v.

voltaram para as suas cabanas. Desde então, todos referiram não haver notícia de “mays ferydos de peste e os que estavam llogo sararão e outros vão mjllhorando”⁶⁶.

Brites Dourada, mulher de Duarte Peres, mareante, moradora em frente da igreja de S. Roque, declarou que já era noite alta quando ouviu o som do repicar dos sinos e os gritos de “mjllagre mjllagre”. Tentou ir. Como não conseguiu entrar, regressou a casa e “oulhando pera a dyta JgreJa de são Roque vio hũa estrellla muito esclarecida estar em cima da dita JgreJa alltura de hũa lanca a quall vio decer e pousar sobre ha capella do dyto são Roque honde estaa ha Jmagem do bem auenturado são sebastião”. Foi a única testemunha que disse ter observado este fenómeno. As outras referem o caso da estrela, mas remetendo sempre para o que ela, Beatriz Dourada, vira e contara. Era tida como uma mulher virtuosa e temente a Deus e, por isso, de reconhecida idoneidade.

É interessante o testemunho de Manuel Peres, lavrador. Declara que estava a trabalhar numa eira no termo da vila, na terça-feira, 23 de agosto ao meio dia, e conversava com outras pessoas sobre os milagres ocorridos na vila. Nisto, olharam para a outra banda do rio e viram uma bandeira que “auja quimze ou xx dias que ally estaua posta com hũa guarda” e disseram que, visto o mal da peste ter desaparecido por intervenção de S. Sebastião, a bandeira já não fazia sentido. De repente, olharam e já não viram a bandeira. Não encontraram explicação lógica, pois não viram ninguém que a pudesse derrubar nem levar. Como o campo era muito grande, seria necessário algum tempo para o percorrer. Acabaram por concluir que a bandeira também desaparecera por milagre. Louvaram a Deus por voltar a ser livre a entrada e saída das pessoas em Alcácer⁶⁷.

O licenciado António Caldeira, prior, declarou ter ele próprio visto o santo a suar gotas de água. A partir daí, os atingidos pelos bubões da peste tinham sarado. Quanto a João Peres, o primeiro miraculado que desfilara na frente da procissão, no dia 23, quando o prior “o quis tirar por testemunha, nom se achou por ser jdo pera sua teRa por ser forasteiro”. O que parece normal, sendo ele de fora e terem acabado as proibições do ir e vir dos homens e mercadorias; mas faltou à promessa de servir o santo durante uma semana. Acrescentou ainda o prior que, a partir dessa data, ele próprio nunca mais fora chamado para ministrar os últimos sacramentos a ninguém. O mesmo sucedera aos beneficiados que ficaram com ele a cuidar das almas dos fiéis. Esta era, segundo ele, a prova mais evidente de que o mal cessara de todo.

O auto, depois de assinado e de lhe aporem o selo da Ordem de Santiago, teve como destinatário o Prior-mor do Convento de Palmela, dado o padroado das duas igrejas paroquiais de Alcácer, Santa Maria do Castelo e Nossa Senhora

66 *Auto dos Milagres*, fl. 11v.

67 *Auto dos Milagres*, fl. 5-5v.

da Consolação, pertencer a essa milícia. Por testemunho posterior, sabemos que o mesmo auto foi dado a conhecer ao arcebispo de Évora, que atestou oficialmente a verdade do milagre a 23 de agosto do ano seguinte⁶⁸.

A peste de 1569, que se deu por extinta em Alcácer por este auto, datado de 24 de agosto, começou também a diminuir de intensidade em Lisboa, em finais de setembro, e considerou-se praticamente vencida entre finais desse mesmo ano e começos de 1570. No entanto, ficou um rasto de medo que dificultava o retorno à normalidade. Houve ainda rebates de peste em várias terras, nomeadamente em Setúbal. Oficialmente, só a 28 de julho de 1570 foi dada por extinta a Peste Grande, abrindo-se livremente todas as portas da capital⁶⁹.

Sabemos que esta peste foi realmente mortífera e atingiu muitas outras terras no reino. Grândola, também da Ordem de Santiago, conseguiu escapar a este flagelo implementando medidas profiláticas importantes, conforme já foi demonstrado⁷⁰. Não dispomos de números que nos apontem o total das mortes em Alcácer ou nas terras próximas na peste de 1569.

Quando se deu a epidemia, Alcácer estava numa fase de crescimento, sobretudo na zona ribeirinha. O próprio relato dos milagres faculta diversos indícios que o comprovam: o aumento da zona urbanizada fizera com que a capela de S. Lázaro, antes fora da vila, estivesse já inserida no interior do casario; construía-se entre-tanto a capela de S. Roque, só referenciada em 1534. Era aí que se encontrava a imagem do mártir por se estar a proceder à ampliação da ermida de S. Sebastião, dado que o edifício se tornara insuficiente para o número dos fiéis que o frequentavam.

Conclusão

Os testemunhos do *Auto dos Milagres* redigido em 1569 mostram a longa permanência de devoções muito antigas, entre as quais a do Mártir S. Sebastião. Ligam-se à zona ribeirinha da urbe, a mais ativa em termos comerciais e económicos, mas também a mais exposta aos surtos de peste trazidos por quantos demandavam o seu porto. A tradicional tríade de santos protetores da lepra e da peste dispunha de ermidas próprias, aliás não muito afastadas umas das outras e ligadas por uma mesma rua na zona baixa – a Rua Direita –, perto do Sado⁷¹. Os milagres associados à proteção de S. Sebastião, operados na noite de 22 para 23 de agosto de 1569, revelam as atitudes da população perante a peste. A devoção ao

68 Biblioteca da Ajuda – Códice 49-IV-8, fl. 385-385v.

69 Ver Germesindo Silva – *Os Grandolenses...*, p. 45.

70 Ver Germesindo Silva – *Os Grandolenses...*, p. 45.

71 Esta rua corresponde hoje às ruas Rui Salema, da República e do Marquês de Pombal (cf. Maria Teresa Lopes Pereira – *Alcácer do Sal na Idade Média*, p. 95, nota 246).

santo fortalece o sentido de pertença e traduz-se em gestos de fé, orações e rogos, pelos quais se procura captar e potencializar as virtudes taumatúrgicas da imagem do santo e das gotas de água que dela escorrem. Alguns testemunhos evocam ainda as memórias de anteriores surtos de peste – de novo propiciadores do poder de S. Sebastião – mas também os procedimentos comuns na defesa da vila face à possibilidade de novos contágios. Ao mesmo tempo, vemos como os poucos clérigos da Ordem de Santiago que ficam na vila são apresentados pela fonte como exemplares no seu papel de pastores: visitam, animam, confessam, dão a comunhão aos moradores, incluindo os pestíferos. Por outro lado, verificamos também a eficácia com que as autoridades eclesiásticas controlam e capitalizam a fama da intervenção do santo, registam os testemunhos e desenvolvem os rituais coletivos que enquadram os acontecimentos, reafirmando a importância da mediação eclesial, apaziguando e unindo a coletividade pela sinalização do fim da peste.

As memórias evocadas pelas testemunhas mostram a continuidade de todos estes comportamentos face aos tempos medievais e aos espaços culturais que pontuam a urbe e, em particular, a zona baixa no “cabo contra Évora”. Os sinais de crescimento de Alcácer marcam os relatos da sua expansão ao longo das margens do Sado e o fervilhar da vida que o rio anima e sustenta.

À inquirição que recordava os acontecimentos juntava-se a imagem devocional de S. Sebastião, cujos poderes sobrenaturais os autos confirmavam e reforçavam. Hoje guardada, com muita probabilidade, na igreja paroquial de Santiago, passaria a segundo plano, à medida que a sua funcionalidade deixou de ser socialmente reconhecida, pela rarefação e definitivo desaparecimento dos surtos de peste. A sua comemoração seria mantida nos festejos populares, alheados das aflições dos tempos em que a morte por peste grassava e ceifava muitas vidas.

ANEXO DOCUMENTAL

1569.AGOSTO.24-26, Alcácer so Sal – Inquirição sobre os milagres atribuídos à intercessão de São Sebastião, ocorridos em Alcácer do Sal nos dias 22 e 23 de agosto de 1569, grassando a peste na vila.

A) Biblioteca Nacional de Lisboa, *Manuscritos*, caixa 171, doc.13.

// [fl. 1]

+

Auto dos millagres que noso senhor deus fez e obrou nesta villa d alcacer do sall pellos merecimentos e Rogos do bem aventurado martyr são sebastião em o mes d agosto de 1569

Anno do nascimento de nosso *senhor Jhesu chrispto* de mjl quinhentos e sasemta e nove Annos aos vinte e quatro dias do mes d agosto do dyto Anno em esta villa d allcacer do sall nas pousadas do lleçemçeado Amtonio calldeira prjor da JgreJa de samta maria da consollação estamdo elle ahy mandou chamar a mjm Antonio de matos beneficiado na dyta JgreJa e me dyse que fizese este Auto porque elle querya tyrar testemunhas e fazer Jmqueryçam dos millagres que noso *senhor* deus obrara e fizera per Jmtercesão do bem aventurado martyr são sebastião nesta dyta villa porquanto nella nom havia nenhũ taballyão pera nelle o poder fazer pera ser e pubryco e autoryzado por ser fogyda quasy toda a gente desta villa pera fora della com temor dos maos ares de peste de que noso *senhor* nos llyvre *que entam* nesta villa amdaua de que auyão sydo mortas allgũas pessoas e estauão muytas ferydas pello *que* ma mandou *que* fosse esccryuão deste auto e Jmquyryção pera o mandar ao manyfico *senhor* dom prjor do combento e ordem de samtiago noso prellado e me deu Juramento dos Samtos havamgelhos pera *que* bem e verdadeiramente escreuese os dytos das testemunhas *que* do caso querya tyrar pera gloria e lloouor do santo *deus* e homRa do gloryoso sam sebastião ho // [fl. 1v] quall Juramento tomei e por elle promety de fazer verdade na dyta Jmquyryção e o asyney com elle dyto prjor //

Como seJa e he verdade *que* emtrando o dyto mes d agosto começarão a moRer de peste allgũas pessoas e se feryrão outras pello *que* foy no pouo desta villa tão grande o medo e temor *que* ate os vinte dias do dyto mes despejou esta villa toda *que* nom ficou nella senão allgũa gente pobre hũs per confiarem na *mysericordia* do *senhor* deus e no beem auenturado são sebastião e outros por não terem Remedio pera si lhe foy tão grande o fugyr da gente *que* ate nom ficar na dita villa quem anymase e se esforçase a gente *que* nella ficaua senão dous beneficiados da JgreJa de samta maria do castello e outros dous na consollação e elle pryor e foy tão grande o desamparo da teRa e fugida da gemte *que* somente oulhar per as Ruas e as ver despouoadas cahyão os corações ha gente e esmayauão os *que* fycarão e sem nenhũa duujda de pasmo poderão muytos moRer se não tyuerão ao dyto prjor e padres *que* os amdauam anymando e esforçamdo de casa em casa e de Rua em Rua na fe de noso *senhor* e confiamca do bem auenturado martyr são sebastião

e por que no cabo da dyta villa na Rua do bem auenturado São Roque homde estaa a Jmagem do gloryoso martyr são sebastião por não ter sua casa acabada *que* este ano se comecou de fazer estar mayor copia de gente *que* em toda a ujlla o dito pryor se foy pera llaa pera anymar e allymentar hos seus fregueses dos Sacramentos necessaryos e deyxou na outra parte da // [fl. 2] sua freguesya a hũ dos dous beneficiados *que* com elle ficarão pera fazer o mesmo e dyzer mysa na JgreJa matryz a hesa pouca gemte *que* ficaua e lhe admynistrar os samtysymos

sacramentos como tudo se fez ate ora com toda dyllygençia *sem hauer fallta nem se duujdar a confissão a nenhũa pessoa aJnmda que ferydo fose do dyto maao ar*

e estamdo asy o dyto prjor no dyto cabo da ujlla socedeo que pelos muytos Rogos e gemydos do dyto pouo e contynuação que tynhão na fee que era de se confesarem e comungarem e oração que fazião noso senhor deus vemdo os gemydos e contynuas llagrymas de seu pouo pello merecymientos e Rogos do bem aventurado martyr Começou a fazer os mjllagres que as testemunhas ao dyante tyradas em seus dytos declarão tyradas e perguntadas pello Juramento dos Samtos hauangelhos em que puserão todas A mão Amtonio de matos o escreuy

a) Amtonio de matos

a) Antonio caldeira

E llogo no dito dia xxiiij° dias do dyto mes d agosto o dyto prjor comjgo amtonio de matos tyrou as testemunhas segujntes perguntadas pello que Sabião dos dytos mjllagres amtonyo de matos o escreuj

jtem domjngos gonçallvez morador na dyta villa Junto da JgreJa de são Roque testemunha perguntada pello Juramento dos samtos hauamgelhos em que pos ha mão que pello dyto prjor lhe foy dado peramte mjm escryuão e perguntado que hera o que sabia dos mjllagres que fezera o martyr são sebastião nesta dyta ujlla dise que he verdade que segunda feira xxij dias deste mes d agosto depois de tere feyta hũa procissão da casa // [fl. 2v] de são Roque homde estaa a Jmagem do gloryoso martyr são sebastião ha casa de são llazaro que he na mesma Rua em a quall procysão se Reconcyllyarão muitas pessoas que estauão em hodio e mall querença de sete oyto nove Anos presente o padre pryor amtonio caldeyra llogo ha noyte do mesmo dia hũa ora da noyte pouco mays ou menos estando elle testemunha com João Rodrygue⁷² mellão d allcunha e com João carvalho e pero fernandez e outras pessoas demtro na dyta JgreJa de são Roque fazendo oração ao bem aventurado martyr são sebastião elle testemunha vio da çymtura da Jmagem do dyto samto pera bayxo pera os pes coRer grandes gotas d agoa pello que concebeo em sy ser myllagre do dyto samto se sahyo lloguo fora da dyta JgreJa dyzendo myllagre myllagre e foy chamar ao dyto prjor que viesse ver o dyto mjllagre ho quall prjor llogo lla foy e asentouse mjllagre do dyto samto e vydente e por elle testemunha estar a dyta noyte na casa do dyto santo elle vio ally pella meya noyte outra vez suar a dyta Jmagem perto do corpo e coRerem delle muytas gotas d agoa as quaes segundo deus e sua concyemcia erão d agoa clarysima e não d outra cousa e Jsto foy muyto notoryo a muyta gente que se achou presente

e dise mays elle testemunha que acabado o prymeyro mjllagre da pryma noyte o prjor alleuantou hũa cruz de paao lleuando a dyamte do povo que se aj

72 Anotação à margem: Rodryguez.

se ajuntou com a Jmagem de nosa senhora e a do bem auenturado samto e a de são Roque e forão em procysão a são llazaro e tornando se ha dyta Jgreja entrou pella porta della hũ homem trabalhador per nome João perez com hũa postema de peste // [fl. 3] de bayxo de hũ braço que vynha em Joelhos de sua casa ha dyta Jgreja encomendar se Ao samto e estamdo diante da sua Jmagem emproujso sarou da dyta postema e asy da gramde febre que trazia e ha terca feira seguinte se fez outra procysão em que foy o dyto homem llouuando pubrycamente a deus pella merce que lhe fizera de lhe dar saude e outros mjllagres de ferydos da dyta peste fez o dyto samto em outras pessoas que dyrão como pasou e mays não dise e asynou antonio de matos ho escreuy

a) Antonio caldeira

a) domjngos gonçalvez

item pero fernandez morador na dyta villa pegada a sua casa ha do bem auenturado são Roque honde estaa a Jmagem do martyr são sebastião testemunha Jurado aos samtos hauangelhos em que pos ha mão que lhe peello dyto prjor forão dados e perguntado pellos mjllagres que vyra fazer ha Jmagem do bem auenturado martyr são sebastião dise elle testemunha que he verdade que segunda feira xxij dias do mes d agosto presente A oras do meio dia o dyto prior com toda gente que se achou presente fez procisão da casa de são Roque atee a casa de são llazaro na quall procysão se fezerão muytas Amjzades de hodios e mall quereincas de seys sete oyto dez Annos com muytas llagrymas e clamor a deus e ao Santo e llogo o mesmo dia hũa ora da noyte estamdo elle testemunha na capella da dyta Jgreja com outras pessoas presentes elle testemunha vio com seus olhos claramente coRer gotas d agoa pello Rosto corpo pernas e bracos da Jmagem do dyto samto coRemdo ate os pes e visto Jsto llogo chamarão pelo dyto prjor e veyo e vio per seus olhos ho dyto mjllagre e asentou se mjllagre e o dyse asy pubrycamente ha gemte que // [fl. 3 v] e coreo e acodio ha ver llouuando todos a deus por tamanha merce e llogo no mesmo Jmstante entrou hũ homem per nome João periz em Joelhos pella porta da Jgreja pydimdo misericordya ao samto bem auenturado são sebastião porque estaua ferydo de hũa grande postema de peste e chegando Junto do alltar de emproviso sarou della ha tynha no sovaco debayxo do braço e se vio pubrycamente nom ter nada e fycou são sem ella e sem febre

e depois ally pella meia nojte elle testemunha estamdo com muita gente na dita Jgreja vio outra vez a dyta Jmagem do dyto samto suar outro suor de muytas gotas d agoa e hũ padre de mjsa que estaua presente allympou a dyta Jmagem do dyto suor com hũ llemco e o partyo em tyras e Repartyo per muitas pesoas pera Rellyquyas damdo a gemte que presente estaua muytos llouuores ao senhor deus com muitas llagrymas e clamores conhecendo se mjllagre e obra de deus e afyrmando que deus pellos merecymientos e Rogos do dyto samto tynha alleuantado a peste

deste pouo/ e asy dise elle *testemunha* que elle buscara ao dyto João fernandez [sic]⁷³ honde tynha a dita postema e Jmchaco que era como hũ punho e não lhe achou nada e que o ouuyra dyzer a muitas pessoas que se fizerão outros muytos myllagres e mays nom dise Amtonio de matos ho escreuy

a) Antonio caldeira

a) pero fernandez

jtem brytyz dourada molher de duarte periz mareante morador na dyta ujlja defronte da JgreJa de são Roque testemunha Jurada aos samtos havamgelhos em que pos a mão que lhe pello dyto prjor forão dados e perguntado pellos // [fl. 4] mjllagres que fez noso senhor deus pelo bem auenturado martyr são sebastião dise ella testemunha que he verdade que segunda feira a noyte xxij dias deste mes d agosto ally hũa ora da noyte estando ella testemunha em sua casa ouujo Rumor na Rua estamdo soo e ouujo Repycar os synos das JgreJas que pessoas forão Repycar e ouujo dizer mjllagre mjllagre e sahio ha Rua e vio muyta gente coRer ha casa do dyto samto e quysera entrar demtro a ver ho que era e por ser molher velha e a gemte muyta não pode entrar e se tornou pera casa e ouujo demtro na dyta JgreJa ouujo clamor e brados e choro llouuando ao senhor deus dyzendo mjllagre mjllagre e njsto ella tastemunha tornou a sayr ha porta e oulhando pera a dyta JgreJa de são Roque vio hũa estrella muito esclarecida estar em cima da dita JgreJa alltura de hũa lanca a quall vio decer e pousar sobre ha capella do dyto são Roque honde estaa ha Jmagem do bem auenturado são sebastião e depois ally pella meia noyte Jazendo ella testemunha na sua cama ouujo outra dyzer muytas vozes mjllagre mjllagre que sua outra vez ho martyr são sebastião ouujndo chorar e bradar por deus muitas vozes de gente e ao outro dia pela manhã ouvio primeiramente dyzer que hũ João periz ahy perto morador tynha hũa grande nacida debaixo de hu braço e se fora socoRer ao samto de Joelhos e entrando na dyta JgreJa sarara de emproujso sem lhe ficar nada ficamdo são como oJe estaa e a fora este se dyz primeiramente que muitas pessoas que estauão ferydas de peste sararão encomendando se ao samto são sebastião dise Amtonio de matos ho escreuj,,

a) Antonio caldeira

// [fl. 4v]

jtem Cateryna farpada molher de João llopez carpynteiro que ora he mordomo de são Roque honde estaa a Jmagem do bem auenturado martyr são sebastião morador Jumto da dyta JgreJa testemunha Jurada aos samtos havamgelhos em que pos a mão que lhe pello dyto prior forão dados peramte mjm

73 Até aqui foi sempre referido como João Peres.

escryuão e perguntado pelos mjllagres que se fizerão pellos merecymentos e Rogos do bem auenturado martyr são sebastião dise ella *testemunha* que he verdade que estamdo na dyta JgreJa de são Roque e com ella João carvalho feRador o quall estaua Jumto do alltar e vio coRer gotas d agoa pello Rosto e pernas da Jmagem do bem auenturado são sebastião e chamou a ella *testemunha* cateryna dygo dyzemdo cateryna farpada chegay per qua e chegando ella *testemunha* Jumto do alltar dyse ho dyto João carvalho vedes vos ho que eu veyjo e ella *testemunha* dise eu vejo esta jmagem suar gotas d agoa pello Rosto e pernas do bem auenturado são sebastião e elle João carvalho dise pera Jso vos chamey e llogo forão chamar o prjor que viesse ver o mjllagre o quall veyo e muita gente que acodio ha ver o que hera e vyrão a dita Jmagem suar de que se fez choro grande na dita gemte e brados a deus pydimdo mysericordia com muytas llagrymas e damdo muitos llouuores de que se seguio llogo muytas pessoas que estavam em hodio de muyto tempo se Reconcylliaem e pydirem perdão hūs aos outros e ficarão amjgos e hūa ana farpada sobrnha della *testemunha* foy pydir perdão ha hū homem que lhe tynha morto a hū seu sobrnho e ficarão amjgos e asy vio ella *testemunha* a hū João periz trabalhador ferydo de peste // [fl. 5] Jr em Joelhos demtro da dyta JgreJa diante da Jmagem do samto e llogo de Jmproujso ficou são sem ter nenhūa cousa do mall que tynha e se lhe tyrou a febre no mesmo Jmstante e ella *testemunha* dise majs que dormjra aquella noyte demtro na dita JgreJa e ally pella meya noyte vio outra vez por seus olhos ha dyta Imagem tornar a suar e aally pousou hū pano e Jsto foy muito notoryo a muyta gemte que acodio ha ver bradando todos mjllagre merces do *senhor deus* que nos faz pellos Rogos do martyr são sebastião e asy sararão outras muitas pessoas da apostemações que tynhão e estauão ferydas e mays nom dise Amtonio de matos ho escreuy

a) Antonio caldeira

manuell periz llavrador morador na varzea termo desta ujlja d allcacer *testemunha* Jurado aos Samtos havamgelhos em que pos A mão que lhe pello dyto prjor forão dados peramte mjm escryuão e perguntado que sabia dos mjllagres que se dyzia que se fizerão pellos merecymentos e orações do bem haventurado martyr são sebastião dise elle *testemunha* que he verdade que ouujo dizer a pessoas estamdo elle *testemunha* em hūa eyra no termo desta ujlja que a Jmagem do dyto santo se Cobryra duas vezes de suor segunda feira de noyte que forão vimte e dous dias deste mes d agosto e que estamdo elle *testemunha* terca feira vynte e tres dias do dyto mes d agosto ha oras do meio dia na dyta heyra comtamdo a allgūas pessoas o que ouujra dyzer dos dytos mjllagres oulharam per a outra banda do Rio e vyrão estar hūa bamdeira que auja quimze ou xx dias que ally estaua posta com hūa guarda e diserão hūs pera os outros pera que hestaa ally aquella bamdeira pois noso *senhor deus* nos

tem feyto // [fl. 5v] tamanha merce que alleuantou o mall de peste pellas orações do bem auenturado martyr são sebastião e pratyando njsto tornarão a oulhar pera a dyta bandeira e não a ujrão nem pesoa que a pudese deRybar nem lleuar estamdo ella em hũu campo muyto grande e espaçoso pello que asemtarão que desapareçera a dyta bamdeira myracollosamente de que louuarão a deus e afyrmarão ser mjllagre e mays não dise Amtonio de matos escreuj

a) Antonio caldeira

a) manuel periz

jtem brytyz fernandez vianna molher de llujis pinto que deus aja testemunha morador na dita villa perto da dyta JgreJa de são Roque Jurada aos santos hauangelhos em que pos A mão que pello dyto prjor lhe forão dados e perguntada que era o que sabia dos mjllagres que se dizião noso senhor deus fazer por Amor do martyr são sebastião dise ella testemunha que he verdade que segunda feira ha noyte xxij dias deste mes d agosto estamdo ella na casa do bem auenturado são Roque lleuamdo hũ pucaro d azeite pera as allampadas e estando fazendo oração ao martyr são sebastião chegou João carvalho o feRador ao alltar e tomou na mão hũa vella e disse a ella testemunha vedes vos allgũa cousa na Jmagem do bem auenturado são sebastião e ella testemunha oulhou pera ella e lhe vio coRer gotas d agoa pellas pernas abayxo e asy pello Rosto e acodio llogo muyta gente a uer o que hera e todos bradarão a deus por mjserycordia com grandes llamentações e llagrymas llouuamdo a deus e ao samto e asemtarão ser mjllagre que deus fazia a quall Jmagem do dito samto he de pao e amtiga e quamdo ella testemunha vio aquijllo deyxo se lla dormjr // [fl. 6] na dyta Igreja com outra muyta gente demtro he⁷⁴ pella meya noyte estamdo a dyta Igreja⁷⁵ Ja muyto allumyada vyrão muytas pesoas outra vez e asy ella testemunha suar a Jmagem do dyto samto muyto mays que ha prymeira vez de que tambem ouue gramde clamor e brados de mujta gente que hy estava e acodio de fora pydimdo a deus mjsericordia e damdo lhe louuores por tamanha merce dizendo e temdo por fee que deus alleuantara A peste desta villa pellos Rogos do bem auenturado santo

e asy ouujo dyzer llogo ahy pubrycamente ha mujtas pessoas que hũ João periz sarara de hũa muyto grande apostemacão pestynencial que trazia debayxo do braco o quall Johão periz ella testemunha vio entrar na dyta JgreJa em Joelhos e chegar ao alltar e llogo dise que ficara são sem nenhũ synall e amda são oJe em dia e asy dise ella testemunha que ouujra dizer a brytyz dourada testemunha Ja atras perguntada que ella vyra decer hũa estrella muyto esclarecida e pousar sobre a capella da dyta

74 Passagem deteriorada.

75 Passagem deteriorada.

JgreJa a quall bryatyz dourada ella testemunha tem por muyto vyrtuosa e de bom vyver e que falla verdade e mays não dise Amtonio de matos ho esccreuy

a) Antonio caldeira,

João carualho feRador morador na dyta vylla aJumto da JgreJa de são Roque testemunha Jurado aos samtos hauamgelhos em que pos a mão que lhe pello dyto prjor forão dados peramte mym amtonio de matos e perguntado pello que sabia dos mjllagres do bem auenturado sam sebastião que ora se dyz fazer nesta villa dise elle testemunha que he verdade que segunda feira vinte e dous dias deste presente mes d agosto estamdo elle testemunha ally hũa ora da noyte // [fl. 6v] [...] ⁷⁶ ouuiu tambem demtro na JgreJa de sam ⁷⁷ Roque homde estauão tambem duas ou tres ⁷⁸ pessoas outras acertou elle testemunha de oulhar pera a Jmagem do bem auenturado são sebastião e vio coRer della gotas d agoa pello Rosto Joelhos e pernas Abayxo e pera se afyrmar se chegou mays perto do que estaua com hũa vella de cera acesa na mão e se certeficou nyso e chamou pessoas que fosem ver e foy logo dyzer ao prior amtonio calldeira o quall foy lla e mandarão llogo Repycar os synos das JgreJas e acodio muyta gemte a ver o que dyto he e o vyrão per seus olhos e afyrmarão ser mjllagre e asy o ouuyo dizer A muytas pessoas que aquella noyte dormjirão na dyta JgreJa que ally pella meya noyte tornara A dyta Jmagem ha suar muyto mays que da prymeyra vez ho que foy visto per muytas pessoas e asy ouujo dizer A muitas pessoas que dyzya brytyz dourada molher de duarte periz que mora defronte da dyta JgreJa que ella vyra A mesma noyte deçer hũa estrella muyto grande e pousar sobre a capella de sam Roque homde estaa a Jmagem do bem auenturado são sebastião ha quall molher se pode dar credito ⁷⁹ a seu testemunho porque estaa tyda por muito vyrtuosa e de muyto boa vyda e que falla verdade e asy dise elle testemunha que daRedor do dyto samto se descobryo depois do myllagre serem ferydas allgũas pessoas da dyta peste e sararam de emproujso por se encomendarem ao dyto samto muyto deuotamente e mays não dise Amtonio de matos ho escreuj

a) Antonio caldeira

a) Joam carualho

jtem ana de goes molher de gomes martjnz morador na dita villa perto da JgreJa de sam Roque testemunha jurada aos samtos hauamgelhos em que pos A mão que lhe pello dyto pryor forão dados e perguntada // [fl. 7] pello que sabia dos mjllagres do bem auenturado martyr sam sebastião dise que he verdade que segunda feira que forão vimte e dous dias deste mes d agosto estamdo ella

⁷⁶ Passagem deteriorada.

⁷⁷ Passagem deteriorada.

⁷⁸ Passagem deteriorada - leitura inferida pelo contexto.

⁷⁹ Passagem deteriorada - leitura inferida pelo contexto.

testemunha em sua casa Ja de noyte semdo vimdo seu marydo de fora com hũ João periz homem pobre forasteiro que em sua casa pousa o quall ho mesmo serão se comecou A queyxa muíto que estaua mal que lhe medrara debayxo de hũ braco hũa trama e njsto ouujo ella testemunha gramdes vozes de pessoas seria hũa ora da noyte mjllagre mjllagre e acodymdo ha ver o que hera llancou o feRolho ha sua porta e foi entrando na Jrmjda de são Roque achouu muita choramdo [sic] e damdo gracias a deus dezemdo que ho martyr são sebastião chorou digo suou muitas gotas d agoa semdo Jmagem de paa como he e ella testemunha se chegou pera ver e dar fe e vio a dyta Jmagem coRer della muitas gotas d agoa pello corpo Rosto e pernas e erão tamtos brados da gente choro e llamentações e gracias que dauão ao senhor deus que pareçia grande Roydo e todos asemtarão que hera merce que deus noso senhor nos fezera pellos merecymentos do bem aventurado samto e nos alleuantara a peste que Ja amdaua muito acesa amtre o pouo e tornando ella testemunha pera casa o dyto João periz lhe disera estyue pera llancar as portas fora do couço pera me Jr encomendar ao samto pera que me vallese ha mynha trama e todavia socoRi me a elle e parece me que estou são e se foy llogo em goelhos camynho da casa do samto // [fl. 7v] e semdo llaa pubrycou a muitas pesoas que estava são como oJe estaa llouuores a deus e sarou de emproujso o quall João periz se prometeo nove dias estar na casa do samto servyndo ahy pella grande merce que lhe deus fizera e mais nom dise Antonio de matos ho escreuy7

a) Antonio caldeira

E aos vimte cymquo dias do mes d agosto do dyto Anno de mjll e quinhentos e sasemta e nove Annos em a dyta villa d allcacere do sall o dyto prjor comjgo amtonio de matos tyrou em as suas pousadas as testemunhas seguintes e seus testemunhos se seguem amtonio de matos ho escreuj

jtem manuell quadrado estallaJadeiro morador na dita villa d allcacere testemunha Jurado aos samtos hauangelhos em que pos a mão que lhe pello dyto prjor forão dados peramte mjm amtonio de matos e perguntado que hera o que sabia dos mjllagres que noso senhor fizera pellos merecymentos e prezes do bem aventurado martyr são sebastião dise elle testemunha que he verdade que segunda feira a noyte xxij dias deste mes d agosto hũa ora da noyte pouco mays ou menos hũa sua Jrmã delle testemunha e seu marydo João carvalho forão ha JgreJa do bem auenturado são Roque homde estaa ha Jmagem do martyr são sebastião os quaes sua Jrmã e cunhado se hyão ofrecer ao santo e humtarse com o azeite das suas allampadas pera que o samto os guardase per seus Rogos diante de deus deste maa ar de peste e estamdo asy na dita JgreJa e estamdo presente João carvalho testemunha Ja atras tyrado dise // [fl. 8] o dyto João carvalho pera seu cunhado

João Rodriguiz testemunha Ja tambem perguntado vos João Rodriguiz molhastes este samto e Jsto dizia pella Jmagem de são sebastião ao que Respondeu o dyto João Rodrigyz e pera que avia eu de molhar a Jmagem do santo e chegando se ao alltar vyrão coRer agoa como suor grande pello Rosto da dyta Jmagem de são sebastião e pelo corpo e pernas pello que llogo diserão mjllagre myllagre e a estas vozes de mjllagre e ha campaynha que llogo tamgerão acodio muita gente e asy elle testemunha e vio coRer grandes gotas d agoa pello Rosto e corpo atee os pes do dyto samto em tamta maneira que mujtas pessoas acudyrão com llemços e panos e allympar o suor do dyto samto os quaes panos as dytas pessoas tem guardados como Rellyquyas e ouujo elle testemunha dizer que ally pela meia noyte suara a dyta Jmagem outro suor da mesma maneira que foy visto per muytas pessoas que na casa do samto dormjão

e dise mays ele testemunha que he verdade que a elle lhe nacerão de bayxo do braco dyreyto duas nacidas e elle se encomendou ao bem aventurado são sebastião e hya cada dia a sua casa fazer oração com muyta deuocão e que elle se nom quis mostrar a nynguem mays que a sua molher pello non llamçarem fora da villa e per obra do santo foy são em muito poucos dias e o dyto prjor e eu amtonio de matos lhe vimos os synaes das dytas nacydas framzydas como que fora cousa queymada e asy dise elle testemunha que a molher de duarte periz testemunha atras tyrada que dise ser a dita estrella sobre a casa do samto sabe elle testemunha que he molher de sasemta anos pouco mays ou menos e estaa tyda em conta // [fl. 8v] de muito vyrtuosa e temente a deus e que fallarja verdade e elle testemunha nesa conta a tem e mais não dise Antonio de matos o escreuj

a) Antonio caldeira

a) manuel quadrado

jtem João Rodriguiz merchamte d allcunha o melão morador nesta ujlla d allcacere do sall Jumto da casa do bem auenturado são Roque homde esta a Jmagem de são sebastião por nom ter casa feyta testemunha Jurado aos santos hauangelhos em que elle pos A mão que lhe pello dyto prjor forão dadas peramte mj escryvão e perguntado elle testemunha pellos mjllagres que noso senhor deus fez pellos Rogos e merecymientos do bem auenturado martyr são sebastião dise elle testemunha que he verdade que segunda feira que forão xxij dias deste mes d agosto hũa ora de serão pouco mays ou menos estamdo elle testemunha com João carvalho testemunha Ja atras perguntado em na JgreJa de são Roque na dyta Jgreja e chegando se o dyto João Jumto do alltar vyo a Jmagem de são sebastião perto do corpo cheio de gotas s agoa como grãaos d alljofar e dise a elle testemunha vos deytastes agoa per çyma deste samto e elle testemunha Respondeo e porque avia eu de deytar agoa per çyma do samto e njsto se chegou a elle testemunha perto da dyta Jmagem e vio no Joelho direito da dita Jmagem hũa grande gota d agoa e pello corpo pernas e Rosto e

bracos muytas gotas d agoa como grãaos d alljofar e llogo foy tamger a campaynha dizendo mjllagre mjllagre com grandes vozes e logo forão chamar o prior amtonio calldeira que esta doente em cama com febre o quall veyo llogo e vio per seus olhos as dytas gotas d agoa e as allympou com hũ llemco e a Jsto coReo muita gente a ver // [fl. 9] virão as dytas gotas d agoa e elle testemunha dormjo aquella noyte na dyta JgreJa e ally pella meia noyte estamdo elle testemunha dormjndo ouujo gramde Rebollyço na gente que dormja tambem na dyta JgreJa dizendoo mjllagre mjllagre e njsto hũ padre que se chama João callado chegou ao samto e o tomou nas mãos e allympou o suor delle com hũ llemço e choramdo muitas llagrymas e bradamdo com grandes vozes myllagre que fez deus pellos Rogos deste samto llouuemos a deus que somos llyvres da peste e Rompeo llogo o llemço em pedacos e ho deu A muytas pesoas pera Rellyqyas e dise que tambem ouujo dizer a brytyz dourada molher de sasemta Annos testemunha Ja tyrada que vyra a estrella que dyz em seu testemunho a qual testemunha he molher de credyto e molher de muito boa fama e nome e que fallarya a verdade porque estaa tida por vyrtuosa amjga de deus e mays não dise Amtonio de matos o escreveu

a) Antonio caldeira

a) João Rodriguыз

jtem llyanor francisca filha de manuell quadrado morador nesta ujlla d allcacer de sal testemunha Jurada aos samtos hauangelhos em que pos a mão que lhe pello dyto prjor peramte mjm escryuão forão dados e pergumtada que era o que sabia dos mjllagres que ho senhor deus fizera pellos mereçimentos e Rogatyuos do bem aaventurado são sebastião dise ella testemunha que he verdade que segunda feira que forão vimte e dous dias deste mes d agosto deserão que serya hũa ora da noyte pouco mays ou menos estamdo ella testemunha A sua porta pratydamdo com esteuão d ares allcayde desta ujlla ouujo tanger a campaynha da JgreJa de são Roque e ouuiu diser he mjsteryo tamger campaynha ha taes oras coReo llogo ha casa do samto e foy demtro a capella e se chegou ha Jmagem do bem aaventurado sam sebastião e vio llogo // [fl. 9v] no Joelho direito ha cyma delle hũa grande gota d agoa e abayxo do Joelho duas e pello Rosto lhe coRia agoa e asy pello corpo e a Jsto acodyo muyta gente A ver chamando por mjllagre e bradamdo grandes vozes de choro e llagrymas de louvores a deus dizemdo que pellos Rogos do dyto samto nos ouuja deus e nos fazia merce de nos llyvrrar da peste e ella testemunha com muyta gente dormjirão demtro na dyta JgreJa e ally pella meya noyte oulhamdo ella testemunha pera a Jmagem de são sebastião lhe vio o Rosto fazer se muito vermelho como pesoa ujua que afrontaua e llogo comecou a suar e coRer lhe agoa pello Rosto e pelo corpo major suor do que da prymeira vez e ella testemunha chamou outras pessoas que o visem e o vyrão e ora lleuantou muyta gente com novos clamores e llouvores a deus e choro por tamanhas merces de deus comcedydas a este pouo

pellos Rogos do dyto samto e asy dise ella *testemunha* que ouujra dyzer a brytyz dourada *testemunha* atras perguntada que vyra a dyta estrella muito fremosa e grande como *testemunhou* afirmando se que nom era Rayo senão estrella a quall brytyz dourada he molher de sasenta anos e mays e que falla verdade e estaa tyda e conhecyda por muyto vertuosa e temente a deus e que ella *testemunha* o tem asy pera sy e mays não dise Antonio de matos ho escreuy

a) Antonio caldeira

E aos xxvj dias do mes d agosto do dyto Ano do dyto ano de 1569 anos em a dyta ujlla d allcacere nas pousadas do dyto pryor elle comjgo Amtonio de matos tyrou as *testemunhas* seguyntes das quaes seus *testemunhos* eu Antonio de matos que ho escreuj

// [fl. 10]

jtem andre gonçallvez morador na dita villa he de Jdade ate cymquoenta Anos *testemunha* Jurado aos samtos havuamgelhos em que pos A mão que lhe pello dyto prjor forão dados e perguntado pellos mjllagres que se fezerão pello martyr são sebastião dise elle *testemunha* que he verdade que o dia de segunda feira xxij dias do mes d agosto este presente ha noyte ouujndo Repicar os synos das Jgrejas da dyta ujlla e ouujndo dyzer aos vyzynhos este Repicar tamto de synos não pode ser senão mjllagre e acodimdo elle *testemunha* ha cassa de são Roque pera homde coRia A gente homde estaa por ospede a Jmagem do bem auenturado sam sebastyam e chegamdo ha dyta Jgreja vio emtrar muyta gente e os que estauão demtro bradauão com grandes vozes e clamores e llouuavão a deus e hũ padre per nome thome fernandez trazia nas maos a Jmagem do dyto samto pera que mylhor a gente pudese chegar e muitas pessoas dyserão ahy que a dyta Jmagem se enchera de suor e elle *testemunha* hauja dias que trazia grande dor de cabeça de hũ desastre que lhe acontecera e chegando ha Jmagem do dyto samto tyrou hũ pano que trazia apertado na cabeça e ficou sem nada nella e chegando disse da dyta Jmagem a vio cuberta de suor de gotas d agoa e allympando per partes della com o dyto pano e pos llogo na cabeça e naquelle Jmstante lhe largou a dyta dor de cabeça e nunca A majs teue tee ora e Jsto foi a mesma segunda feira xxij do dyto mes d agosto e se foy lloguo a sua casa honde tynha hũa mynyna sua filha muito doente dos olhos havia dias e lhe tocou os olhos com ho dyto pano e de emproujso se achou sãa e asy dise elle *testemunha* que ha muyto tempo que tem sua molher doente de Jnfyrmydade perllomgada e com mujto grandes dores de cabeça e lhe pos nella o dyto pano que tocou e com que allympou o suor da dyta Jmagem do samto e lhe apertou a cabeça com elle e se achou llogo bem e se foy llogo visytar ho dyto e dar gracias A deus pellas

merces *que* lhe fezera *per* Jmtercesão do dyto samto *em* sua casa *e* pubrycamente ouuio dyzer *que* ho dyto // [fl. 10v] *bem* auenturado samto fizera outros muitos mjjlagres *e* sarara muitas pessoas de peste *que* Ja nesta ujlla amdaua acesa *e* mais nom dise amtonio de matos ho escreuj

a) Antonio caldeira

a) amdre goncallvez

jtem gaspar framco moço da camara da Jfamte dona maria homem de Jdade de Lta ate Lta iij annos *testemunha* Jurado aos samtos auangelhos *em* *que* pos a mão *que* lhe pello dyto prjor forão dados *e* morador *em* esta dyta ujlla d allcacere na Rua *que* vay pera são Roque *e* perguntado *que* hera o *que* sabia dos mjjlagres do bem auenturado martyr são sebastião dise *elle* *testemunha* *que* he verdade *que* *elle* acodio ao Repicar dos synos *que* se fazia nas JgreJas desta ujlla segunda feira A noyte xxij dias deste mes d agosto *e* *entramdo* na dyta JgreJa de são Roque homde notava muyta gente *e* vemdo o clamor *que* ha gente fazia *e* llououores *que* daua a deus creio o *que* dyzia do dyto suor da jmage[m] do santo sem nenhũa duujda *e* semdo chamado *per* pessoas *que* chegase a ver o mjjlagre *elle* *testemunha* nam quis chegar *porque* creio fyrmemente *e* *que* avera ora muytos Anos nom se afyrma quantos serão *que* vio outro semelhante mjjlagre *que* fez o mesmo samto *e* hũa molher moura de nação *catyua* de hũ bernall dygo bernalldym gomez Ja defunto morador *que* foy nesta villa a quall se chamava soltana acertamdo d emtrar na dyta JgreJa vio a dita Jmage[m] de são sebastião suar *e* sayo llogo da JgreJa damdo vozes pella Rua molheres molheres vyr olhar *que* sam sebastião estar suando ao *que* acodio muita gente *e* *elle* *testemunha* *e* vio a dita Jmage[m] estar suando gotas d agoa // [fl. 11] *e* declarou *elle* *testemunha* *que* Jsto aconteceo *em* tempo *que* ouue hũa peste *em* llyxboa *e* aqui nesta ujlla nom ouue nada *e* porem fallecerão allgũas pessoas dos mareantes *que* haquelle tempo hiam lleuar trygo ha llysboa *e* vimdo os punhão *em* degredo *e* no degredo moRiam por vyrem enfrascadas do dyto mall *que* na cidade Amdaua *e* a dyta moura se tornou llogo *chrisptā* *e* lhe puserão nome Jsabell *e* dally por diante foy muito boa *chrisptā* pello *que* *elle* *testemunha* *em* sua comcyemcia Retefica Retefica *e* cre os mjjlagres do dyto samto *e* mays nom dise amtonio de matos o escreuy

a) Antonio caldeira

a) gaspar framco

jtem manuell goncallvez clerygo de mjsa da ordem de sam pedro naturall da dita ujlla *e* *em* ella morador *testemunha* Jurado pellas ordens *que* Recebeo *e* perguntado pello *que* sabia dos mjjlagres *que* se fizerão pelo bem auenturado martyr são sebastião dise *elle* *testemunha* *que* he verdade *que* segunda feira ha noyte xxij dias deste mes d agosto *elle* *testemunha* ouujo tamger muito hũa campaynha da JgreJa de são Roque *e* parecemdo lhe *que* queyryão fazer procisão como Ja ao dyto dia tynhão feyto outra a são llazaro *e* Jmdo pera a dyta JgreJa vio vyr homens della

dyzendo com vozes alltas mjllagre mjllagre *que* esta a suar a Jmagem do matyr são sebastião *e* então se aproximou mays e demtro da dita JgreJa homde Jaa estaua muyta gente *e* Rompeo *per* ella ate chegar ao alltar *e* chegou perto da Jmagem do samto vio estar João carvalho testemunha Ja perguntada com hũa vella acesa na mão *e* dise a elle testemunha padre vedes aquellas gotas d agoa *e* elle testemunha oulhou *e* vio no Joelho dyreyto da dyta Jmagem tres gotas d agoa *que* estavam quedas *e* hũa dellas decera de cyma do Joelho *e* elle testemunha vio *per* ho deceo *porque* estaua // [fl. 11v] molhado *e* do llugar donde el vio ate honde estava queda *e* amdando oulhando a Jmagem d aRedor a vio case toda molhada mas aJmda nom mostraua gotas Juntas como as *que* dyz atras *e* llogo chamarão o pryor o quall lloogo veyo ver *e* dally a hũ pouco dyse hũ homem a elle testemunha padre tomay me nestas contas aquella gota d agoa *que* esta abayxo da barba do samto *e* ele testemunha tomou com as dytas contas hũa gota d agoa *que* decera da barba do samto *e* vio o Rosto da dyta Jmagem muito molhado como *que* tynha Ja suado *e* vio muytas pessoas tocar panos *e* contas na dyta Jmagem com ho dyto proprio alluoroço forão llogo Repycar os synos das JgreJas *e* o pouo com grandes llagrymas d allegrya dezião merces *que* nos faz o senhor deus por amor do bem auenturado samto *que* nos alleuanta a peste *e* llogo aquella noyte vyerão oferecer se ao dyto samto *e* asy ao outro dia muitas pessoas *que* estauão fora da ujlja ferydas de peste *e* se deyxarão llyvremeente entrar peramtre a gente *e* depois de se oferecerem *e* pydyrem misericordja a deus se tornarão *per* suas cabanas *e* de então ate oje não sabe elle testemunha auer mays ferydos de peste *e* os *que* estauão allgũs sararão llogo *e* outros vão mjllhorando *e* mais não dise Antonio de matos o escreuj

a) Antonio caldeira

a) manuel gonçallvez

jtem catarina martjnz molher vyuaa moradora em esta dyta villa testemunha Jurada aos samtos havamgelhos em *que* ella pos A mão *que* lhe pello dyto prjor forão dados *e* perguntada pello *que* sabia dos mjllagres do martyr são sebastião dise ella testemunha *que* he verdade *que* segunda feira ha noyte Ja deseram *que* forão xxij dias deste mes d agosto estamdo ella testemunha em sua casa ouujo gramdes vozes // [fl. 12] Na Jrmjda do bem auenturado são Roque *que* he perto domde ella testemunha mora *e* asy ouujo grande Repicar de synos nas JgreJas *e* sahyo a ver o *que* hera *e* entramdo demtro na dyta Jrmjda de são Roque vio Ja muita gente demtro *e* bradar dizendo mjllagre mjllagre *que* sua o martyr são sebastião merce *que* nos faz deus por amor delle chorando todos *e* pydimdo a deus misericordya *e* ella testemunha se chegou perto do alltar pera se certeficar *e* vio a Jmagem do dyto samto coRer lhe agoa *per* o Rosto corpo pernas *e* bracos *e* ella testemunha dormjo com muita gente aquella noyte na dita Jrmjda *e* ally pella meya noyte A dyta Jmagem tornou ao mesmo suor ou mayor *que* ho prymeyro *e* ella testemunha ho vio *per* seus

olhos e o padre João callado que he beneficiado em alluallade que se ahy achou allympou o dyto suor da dyta Jmagem com hũ seu llemço e o fez llogo em tyras e as deu A muitas pessoas por Relyquias e a ella testemunha del dygo deu hũ pequeno de hũa tyra e allem dysto muitas pessoas que vyuem da Redor do dyto samto estauão ao dyto tempo do mjllagre ferydas e todas secretas com medo de as llamcarem fora da ujlla e se emcomendarão com grande fee ao dyto samto e ouuerão saude per d aRedor do dyto samto nenhũa pessoa moReo e estão todas sãas e depois de auerem saude e por amor do mjllagre que os enfermos dicobrirão e diserão como forão ferydos e o samto lhes vallera e dise mais ella testemunha que d outra peste que ouue neste Reyno de portugall ha muytos Anos não se recorda quantos avia nesta ujlla hũa moura de nação Ja de dias sobre velha a quall era de hũ bernalldym gomes Ja defunto e se chamaua solltana em o quall tempo a dyta Jmagem do samto fez outro semelhante mjllagre de suar como estes d agoa e a dyta moura quando vio o dyto mjllagre se tornou llogo *chrisptã* e se fez bautizar e foy daly por diante muito boa crystão e lhe puserão nome Jsabell e naquelle mesmo tempo daquelle mjllagre dise ella testemunha que hũa sua may de sua may della testemunha semdo Ja muito velha hauja mays de // [fl. 12v] de hũ ano que Jazia em cama entreuada sem poder bullyr e llogo se fez lleuar ha casa do samto emcomendando se a elle e a humtarão com as gotas do suor do samto pellas cadeiras e quadrys e sarou llogo e depois vyueo mais de dez Anos amdando muyto bem dysposta sem lhe ficar nenhũa dor ate que a deus lleuou desta uida e mays nom dise amtonio de matos o escreveu

a) Antonio caldeira

jtem manuell afonso caualleiro da casa d ell Rey noso senhor morador na dyta villa testemunha Jurado aos samtos hauangelhos em que pos A mão que lhe pello dyto prjor forão dados e perguntado pellos mjllagres do bem auenturado são sebastião dise elle testemunha que he verdade que segunda feira A noyte Ja de serão estando elle na sua Rua ouujo tamger a campã da JgreJa de são Roque e coRia gemte lla e elle testemunha tambem foy ver o que hera e vimdo allgũs mynynos pella Rua vynhão dyzemdo mjllagre mjllagre e elle testemunha emtrou demtro na casa de são Roque e vio estar a Jmagem do bem auenturado são sebastião suando grande suor de gotas d agoa pello Rosto bracos pernas e corpo coRemdo agoa delle ate os pes e elle testemunha tornou a casa buscar hũa toalha pera com ella allympar ho suor do dyto samto e a lleuou e njsto foy tambem lla o padre prjor e thome fernandez com elle e chegarão ao dyto samto e vyrão o dyto mjllagre e o dyto padre thome fernandez tomou a Jmagem do dyto samto nas mãos per mjllhor a Jemte ho poder tocar e allympar do suor e elle testemunha deu a dyta toalha ao dyto thome fernandez com ha quall allympou o samto e coRendo a mão pellas costas da Jmagem se lhe molhou e dise llogo creyo bem e verdadeiramente que he jsto mjllagre e elle

testemunha se tornou pera sua casa e ally pella meia noyte por aJmda em sua casa njnguem não dormjr ouujo outra vez tamger a dita campã de são Roque e foy lla e tornou a ver a dita Jmagem segunda vez suar como damtes e mays e asy vio hũ pero fernandez [sic] homem // **[fl. 13]** trabalhador que entrou na casa do dyto samto encomendando se a elle e de Jmproujso sarou de hũa apostemacão que tynha de peste o quall homem llogo buscarão e acharão são e dyse mays elle testemunha que hũ acemço martjnz lleuara hũu seu mynyno doemte d allporcas a oferecer ao samto do dia do mjjlagre a tres dias o qual o padre João callado dera hũ pequeno de pano do com que allympara o suor do samto e lho posera nas dytas allporcas debayxo da buba as quaes allporcas lhe cayrão a noyte atras amtes de o ofereçer e por o dyto lho foy llogo ao outro dia oferecer e elle testemunha vyo os synaes domde cayrão as allporcas ao dyto myno [sic] e mays nom dise amtonio de matos o escreuj

a) Antonio caldeira

a) manuell afonso

jtem amtonio calldeira prior da JgreJa da consollacão desta ujlja d allcacer do sall testemunha Jurado aos samtos hauangelhos em que pos A mão e tomou o dyto Juramento da mão de mjm amtonio de matos e por elle dise que he verdade que estando elle segunda feira xxij d agosto ha pryma noyte deytado na cama com febre e doente lhe vierão bater ha porta dyzendo senhor prjor fez são sebastião hũ mjjlagre e elle tomou hũ Roupão que llancou em cyma de sy e com hũas chynellas nos pes se foy ha Jrmyda de são Roque honde esta a Jmagem de são sebastião e achou ahy Ja allgũa Jemte e damdo lhe todos llugar pera chegar ha dyta Jmagem elle vio abayxo do Joelho direito da dyta Jmagem do bem auenturado martyr são sebastião hũa gota d agoa gramde e outras espalhadas pellos bracos e pellas pernas e parecia que lhe suauão os queyxos e examynou se era olleo da Jmagem e afyrmando serem gotas d agoa segundo seu parecer e crendo ser mjjlagre tomou hu pano que trazia na mão de vynagre Rosado que costumaua A trazer e o lleuaua quando hya confesar os enfermos // **[fl. 13v]** e com elle allympou as dytas partes que dyse da dyta e o traz na mão pera o Repartyr por Rellyquia a seu tempo por ter por fe pruuauellmente ser Jsto mjjlagre e tambem hũ João periz lhe dise que aquela noyte sarara de hũa postema quando elle prjor mandou Repycar os synos e ha terca feira na proçycão que elle prior fez com seus fregueses fez ho dyto João periz na procisão diante da cruz que elle dyto prior lleuava pera testemunho do mjjlagre e quando o quis tyrar por testemunha nom se achou por ser Jdo pera sua teRa por ser forasteiro e tambem dise elle prjor hũ mesmo martjnz mareante morador nesta ujlja que hũ filho seu que elle dyto prior vio na JgreJa que pondo lhe em hũas allporcas que tynha hũus fios de hũ pano com que se tocou o martyr samto ao tempo do suor e llogo aquella noyte lhe cayrão e querendo tyrar por testemunha nesta Jmquyrycão nom se pode achar por ser sua pousada no termo desta villa como tem os que fugyrão

della e elle prjor depois *que* ho dyto samto fez estes mjllagres *nom* foy chamado de nenhũ enfermo do dyto mall da peste *nem* lhe parece *que* *nennhũa* pessoa adoeceo diso te agora pello *que* cre *que* *vay* ate ora melhorando pellos merecymentos e Rogos a este santo e mays não dise amtonio de matos o escreuy

a) Amtonio de matos

a) Antonio caldeira

E tyrada asy a dyta Jmquyryção o dyto llicenciado mandou a mjm amtonio de matos que a çarase e a sellase *com* ho sello da ordem *que* elle tynha *per* ser enviada ao muy manyfyco *senhor* dom prjor a quall çarey e aselley e *vay* escryta em catorze folhas de papell *com* esta adiante *em* *que* *vay* ho // [fl. 14] meu synall e não lleua *cousa* *que* duujda *faca* e *vay* escryta na verdade e foy acabada oJe domjngo xxbj dias do dyto mes d agosto do dyto Anno de mjll e bc lxix Anos e asyney aquy de meu synall acostumado

a) Amtonio de matos //